

114



POR QUE A JOANINHA DE PINTAS BRANCAS ESTÁ EM EXTINÇÃO!

LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 5

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Péssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

Fantasma (RGE) (R) 275, 284, 306, 307, 308, 328, 350 – R\$ 4,00 c/ * **Fantasma Extra** (RGE) (P) 268, 321, 326, 336, 342, 356, 360 – R\$ 3,00 c/ * **Fantasma Especial** (Globo) (R) 12, 26 – R\$ 4,00 c/ * **Fantasma** (Globo) (R) 22, 28, 31, 37, 38, 43, 47 – R\$ 4,00 c/ * **Zagor** (RGE) (R) 13 – R\$ 4,00 * **Sítio do Pica-pau Amarelo** (RGE) (B) 21 – R\$ 5,00 * **Transformers Especial** (Globo) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Gibizinho** (Globo) (B) vários números – R\$ 3,00 c/ * **Comandos em Ação** (Globo) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Dico** (RGE) (R) 6, 9 – R\$ 5,00 c/ * **Tex Coleção** (Globo) (B) 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115 – R\$ 5,00 c/ * **Alf** (Globo) (R) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20 – R\$ 4,00 c/ * **Sérgio Mallandro** (Globo) (R) 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 – R\$ 4,00 c/ * **Almanaque Sérgio Mallandro** (Globo) (R) 1 – R\$ 5,00 * **Topo Gigio** (RGE) (R) 14 – R\$ 4,00 * **Você Sabia?** (Globo) (B) 2 – R\$ 5,00 * **Gugu** (RGE) (R) 8 – R\$ 5,00 * **Wizard** (Globo) (MB) 1 – R\$ 5,00 * **Sin City** (Globo) (MB) – R\$ 30,00 * **Morte – O Preço da Vida** (Globo) (B) 1, 2 – R\$ 10,00 c/ * **Revista Sebrae** (Globo) (B) 5 – R\$ 3,00 * **A Vaca Voadora** (RGE) (R) 4, 6, 7, 8 – R\$ 5,00 c/ * **Almanaque do Zero** (Globo) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Pernalonga** (Globo) (R) 1 – R\$ 4,00 * **Gasparzinho** (Globo) (R) 3, 4, 6 – R\$ 4,00 c/ * **Almanaque Xuxa** (Globo) (R) 1, 2, 3, 4 – R\$ 6,00 c/ * **Xuxa** (Globo) (R) 0, 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11, 12, 15, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 31, 32, 33, 35, 38, 40, 41, 43, 48, 49, 51 – R\$ 4,00 c/ * **Cebolinha** (Globo) (B) 6 – R\$ 4,00 * **Chico Bento** (Globo) (B) 30 – R\$ 4,00 * **Cascão** (Globo) (B) 23, 36 – R\$ 4,00 c/ * **Grilo** (P) 33 – R\$ 2,00 * **Star Wars** (Ediouro) (MB) 7 – R\$ 5,00 * **Wolverine** (Panini) (MB) 2 – R\$ 5,00 * **O Triunfo dos Porcos** (Meribérica) (B) – R\$ 10,00 * **Super-Homem** (Abril/2ª s.) (R) 24 – R\$ 4,00 * **Fator X** (Abril) (R) 5, 7, 8, 13, 14, 21 – R\$ 4,00 c/ * **Liga da Justiça** (Abril) (B) 15 – R\$ 5,00 * **Capitão América** (Abril) (B) 62 – R\$ 5,00 * **A Saga de Thanos** (Abril) (B) 1 – R\$ 6,00 * **Heróis da TV** (Abril) (B) 61 – R\$ 5,00 * **Os Vingadores** (Abril) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Superalmanaque Marvel** (Abril) (B) 4 – R\$ 8,00 * **Batman – Queda do Morcego** (Abril) (B) 1, 10 – R\$ 5,00 c/ * **Hulk** (Abril) (R) 30, 60 – R\$ 4,00 c/ * **Superaventuras Marvel** (Abril) (R) 45, 58 – R\$ 4,00 c/ * **Novos Titãs** (Abril) (B) 92 – R\$ 5,00 * **Superamigos** (Abril) (B) 31 – R\$ 5,00 * **X-Men 2099** (Abril) (R) 18 – R\$ 4,00 * **Justiceiro Especial** (Abril) (B) – R\$ 5,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 114 MARÇO/ABRIL DE 2012

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

PREÇO DA ASSINATURA: R\$ 20,00

Assinatura anual correspondente aos nºs 113 a 118
Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro
ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:

Caixa Econômica Federal – agência 1388

operação 001 – conta corrente 5836-1

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

Envie, para meu controle, informações sobre o depósito:
dia, hora, cheque ou dinheiro, caixa automático ou lotérica.

ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

EDITORIAL

O “QI” está se mantendo de acordo com meus propósitos, uma ênfase maior nos textos analíticos, embora sem negligenciar a divulgação de edições independentes. Neste particular, não tenho controle sobre a quantidade de edições divulgadas, mas constato com satisfação que neste número a seção ‘Edições Independentes’ está maior.

Também com satisfação verifico que a seção ‘Fórum’ está mais concorrida, com muita informação permeando os comentários dos leitores.

As páginas do “QI” estão abertas a colaborações na área dos quadrinhos e este número tem a participação de Chagas Lima, Flávia Andrade e Luiz Cláudio Lopes Faria.

Na parte dos artigos, a conclusão do texto de Carlos Gonçalves sobre Tintin em Portugal, textos de Worney sobre recentes projetos da AQC-ESP, as seções ‘Mistérios do Coleccionismo’ e ‘Memória do Fanzine Brasileiro’ enfocando Denilson Rosa dos Reis, e alguns textos de minha autoria, com destaque para o relatório da festa do 28º ANGELO AGOSTINI.

Boa leitura!

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

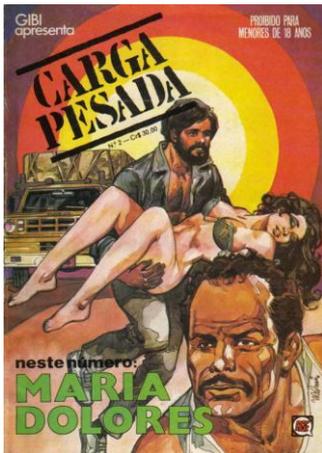
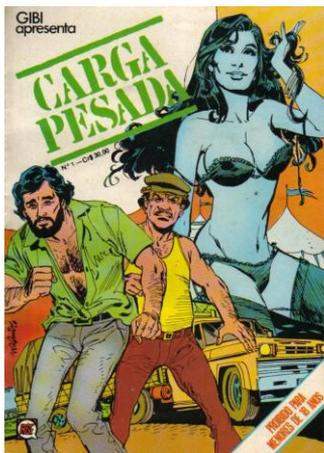
Edgard Guimarães.

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição! O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do jávairate, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

É fato que o mercado de revistas de quadrinhos no Brasil sempre foi dominado pelo material de origem estrangeira. Desde sempre. A revista “O Tico-Tico”, lançada em 1905, já trazia séries de origem norte-americana, mas considera-se que a grande invasão ocorreu em 1934 com o lançamento do “Suplemento Infantil/Juvenil” por Adolfo Aizen. Daí em diante, pelos motivos conhecidos (custo baixo, facilidade de obtenção, a suposta melhor qualidade etc.), as grandes editoras sempre optaram por importar histórias em quadrinhos, em vez de produzi-las aqui. Eventualmente, no meio da gringaiada, as grandes editoras arriscaram, por motivos diversos, alguma produção nacional. A Ebal, por exemplo, a partir da década de 1950, produziu centenas de adaptações de romances brasileiros, vidas de personagens históricos, até um (super) herói brasileiro, o Judoka, mas tudo isso em quantidade muito menor do que os Supermen, Batman, Tarzans, Pernalongas e outros. As editoras Abril e Rio Gráfica também tiveram seus momentos de ufanismo nacionalista. Sempre em proporção muito menor do que a produção total.

A Rio Gráfica e Editora, propriedade das Organizações Globo, sempre teve uma tendência de lançar revistas em quadrinhos adaptando programas da TV Globo. Talvez o título de maior sucesso tenha sido as várias versões do Sítio do Picapau Amarelo. No meio de tantas tentativas, uma das mais interessantes foi a adaptação do seriado “Carga Pesada”, estrelado por Antônio Fagundes e Stênio Garcia, nos papéis dos caminhoneiros Pedro e Bino. O seriado teve vida relativamente longa e fez bastante sucesso, tratando de temas bem brasileiros com uma abordagem adulta. A adaptação para quadrinhos seguiu a mesma linha, mas infelizmente só durou duas edições, lançadas em agosto e setembro de 1980. As duas edições tiveram capas de Walmir Amaral, a primeira trouxe uma HQ escrita por Felipe Ferreira e desenhada por Julio Shimamoto, e a segunda trouxe uma HQ escrita por Domingos Demasi e desenhada por Roponto.

Esta coleção, embora curta, tem vários aspectos interessantes. O primeiro, já mencionado, é a temática nacional, com histórias bem escritas. A qualidade artística dos desenhistas merece destaque: o primeiro número trouxe os desenhos de Shimamoto, que dispensa apresentações. Mas o segundo número trouxe uma surpresa bastante agradável, o traço muito bonito de Roponto, que não sei se é nome ou pseudônimo, mas é uma assinatura que nunca vi em outros trabalhos. Infelizmente. Outro aspecto interessante dessa coleção é o formato, histórias longas, cerca de 70 páginas, em tamanho pequeno e preto e branco. Mais ou menos a fórmula da Bonelli.



Mas o ponto de maior interesse neste texto é o boato que surgiu na época de que havia uma terceira aventura produzida, desta vez com os desenhos de Flavio Colin. É provável que a história tenha sido produzida, mas não creio que o terceiro número da revista tenha sido impresso e distribuído. Acho que a coleção parou no segundo número e a história de Colin infelizmente não foi publicada. E como usava personagens de propriedade da Globo, talvez por este motivo, a história não pôde ser publicada posteriormente, quando vários trabalhos de Colin foram publicados e republicados em álbuns. Apenas uma conjectura minha, pois o Vizunga de Colin nunca foi republicado em álbum. Uma pena, nos dois casos.

QUADROS EM SEQUÊNCIA?

Edgard Guimarães

Todo mundo sabe que a História em Quadrinhos é uma história contada com uma sequência de quadros. Eu já cansei de defender que é possível fazer História em Quadrinhos com uma imagem só, desde que a imagem narre uma história, e que a Charge e o Cartum são casos particulares de História em Quadrinhos... Mas se aparece por aí um Scott McCloud com uma definição de que a História em Quadrinhos são “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”, o quê que eu posso fazer?

De qualquer forma, uma história mais complexa exige várias imagens em sequência e um dos grandes desafios para o autor de HQ, quando pretende fazer um trabalho melhor, é justamente como selecionar estas imagens da sequência de modo a provocar no leitor a melhor resposta. E parece bastante óbvio que, se o autor se deu ao trabalho de criar uma determinada sequência que melhor instigue o leitor, este, o leitor, tem que ler a história na sequência certa.

Portanto, quero crer que seria idiota da parte do leitor se ele quisesse ler os quadros da história fora da ordem pré estabelecida pelo autor. Alguém imagina que um leitor fosse querer ler os quadros de uma História em Quadrinhos todos fora de ordem? Pior, alguém imagina que o próprio autor fosse querer que o leitor fizesse isso? Este autor que supostamente definiu a melhor sequência dos quadros, na hora de apresentar o trabalho ao leitor, o fizesse com os quadros totalmente fora de ordem?

Pois isso acontece! Quem quiser saber como, procure a continuação desse texto algumas páginas mais a frente.

ÁLBUNS ALEMÃES

Edgard Guimarães

Gerd Bonau, editor do fanzine “cOMic”, enviou um catálogo da editora alemã Toonfish. Este catálogo traz álbuns de quadrinhos de origem franco-belga, principalmente. São edições muito bem produzidas, com capa dura, de alguns personagens muito importantes do quadrinho franco-belga. A série mais conhecida, no Brasil, é a dos Strunfs, originalmente Schtroumpfs, rebatizada Smurfs e em alemão Schlümpfe. A série em alemão já conta com 29 álbuns e mais 4 em formato menor, com tiras dos personagens. Tudo da mais alta qualidade. No Brasil, os Strunfs tiveram uma revista em formato pela Vecchi, que durou 7 números, e mais 3 álbuns capa mole. Depois a Abril republicou estas histórias numa revista que durou 6 números já com o nome Smurfs. Recentemente a L&PM lançou dois volumes, cada um em duas versões, no formato álbum normal e em formato livro de bolso. Muito pouco perto do que a série merece. A editora Toonfish também tem à disposição 5 álbuns de Jean e Pirlouit, em alemão Johann und Piffikus, também de autoria de Peyo, a série em que os Strunfs surgiram. Peyo abandonou a série original para se dedicar apenas aos duendes, que fizeram mais sucesso. Outro lançamento da editora alemã é da série Gaston, em alemão Gastoon, mas não a série original, e sim uma versão recente tratando do personagem quando criança. Gaston ou Gastão, que eu saiba, nunca foi publicado no Brasil, mas teve vários álbuns publicados em Portugal, culminando com uma coleção recente de 19 álbuns publicados pelo jornal “Público”, talvez a coleção completa dos álbuns existentes. Uma série muito boa, com o humor de Franquin em seu auge.

Uma surpresa agradável neste catálogo da Toonfish é o anúncio de dois álbuns de um personagem chamado Benjamin, de autoria de Alberto Varanda. Mais um moleque, como tantos há por aí, mas aparentemente com características distintas de todos. Pelo que pude ver, predomina o tom lírico nas histórias de uma ou duas páginas. O colorido é todo em tons sépia. O autor, Varanda, é português, mas viveu a partir dos três anos de idade na França, onde fez sua carreira nos quadrinhos. De sua autoria, só conheço a primeira aventura de ‘A Gesta das Amazonas Dragões’, publicada na revista “Seleções BD” (2ª série) em 1999. Nessa série, seu traço é límpido, realista, com um bom sombreado, contrastando com o traço adotado em Benjamin. Se os monstros do quadrinho franco-belga, como Gaston e Strunfs, não são publicados decentemente no Brasil, bobagem esperar por um benjamin.



TINTIN EM PORTUGAL

Para comemorar os 75 anos de publicação de Tintin em Portugal,
CARLOS GONÇALVES

escreveu um estudo que seria publicado na forma de encarte pela editora portuguesa ASA, acompanhando a nova coleção das aventuras de Tintin lançada por ela. Acontece que a Fundação Moulinesart, dona dos direitos de Tintin, não aprovou a inclusão do encarte junto aos álbuns, vai saber por que motivo. Publicamos nós, em partes, este estudo.

AS PERSONAGENS DE HERGÉ

Só em ‘L’Etoile Mystérieuse’ o Capitão Haddock terá um papel à sua altura, embora em ‘Le Crabe Aux Pines d’Or’ ele tenha surgido pela primeira vez. Quase acabaria por arrebatar a Tintin o papel principal, no desenrolar da ação de cada história. Esta personagem, segundo Hergé, seria baseada na figura do seu colaborador inicial Edgar Pierre Jacobs. O seu gosto pelo álcool é quase lendário. Antes do seu encontro com Tintin, Haddock pouco mais era do que um pobre capitão bêbado. Após esse providencial encontro, tudo se modificará substancialmente para os dois na sua inter-ajuda e, principalmente para o capitão, pois a sua situação de alcoólico inveterado muda, de tal modo que acaba por ser presidente da Liga dos Marinheiros Anti-Alcoólicos. Mas o que mais despertou a curiosidade dos leitores e também o interesse pelo personagem foi o seu tipo de linguagem, que chega a atingir mais de 100 vocábulos, distintos e diferentes, que enriqueceram o vocabulário da linguagem francesa.

O professor Tournesol aparece na história ‘Le Trésor de Rackham le Rouge’ e acaba por fazer parte da família Tintin. Tryphon Tournesol é um sábio, cujas novas invenções, bem desconcertantes, servem algumas vezes de ponto de partida para as aventuras do nosso herói. Tournesol é também um poeta sentimental, que dá uma nota de frescura e de fantasia à série.

Lampion é a imagem perfeita de um homem comum, vulgar. De todos os tipos imaginados por Hergé, este é certamente o mais realista e o mais contemporâneo.

Bianca Castafiore, cantora adulada no mundo inteiro, aparece pela primeira vez em ‘Le Sceptre d’Ottokar’. No mundo de Tintin esta é a única personagem feminina, juntamente com sua criada.

Quanto a Oliveira da Figueira, é um personagem que nos interessa, por focar o desenrasco dos portugueses, em qualquer situação. O seu talento é o de vender qualquer coisa em qualquer lugar, independentemente do produto que seja. Surgiu pela primeira vez em ‘Os Charutos do Faraó’.

Finalmente não nos podemos esquecer de Nestor, o criado do capitão Haddock, outra das personagens características da série Tintin, um mundo fabuloso que nos faz sonhar sempre. Todas estas personagens são sem dúvida algumas nossas amigas, nossas companheiras, talvez até façam parte da nossa família...

A REVISTA “TINTIN” PORTUGUESA

Quando a revista “Tintin” portuguesa surgiu a 1 de junho de 1968, nos escaparates do nosso país, o seu aspecto gráfico logo viria a conquistar inúmeros leitores. A acrescentar a sua beleza de cores e ao seu papel de excelente gramagem, viria o seu leque de personagens apresentadas (algumas conhecidas, outras não), a qualidade dos seus desenhos e os seus excelentes argumentos, além das aventuras de Tintin, que seriam o maior triunfo da publicação. Evidentemente que as outras personagens iriam ajudar igualmente a revista a manter o seu êxito. Era pois uma panóplia de razões para que a longevidade da revista fosse assegurada desde o seu início e os 15 anos que completaria no seu itinerário editorial foi o resultado de um grande sucesso entre todos os leitores portugueses. Claro que para isso contribuiu muito também a orientação de Dinis Machado e de Vasco Granja, mais tarde.

OS ÁLBUNS PUBLICADOS EM PORTUGAL

Os álbuns com as aventuras de Tintin chegariam muito tarde ao nosso país, embora inicialmente tivéssemos acesso às edições brasileiras da Flamboyant/Editorial Aster e Record em capa dura e mole. O primeiro álbum de Hergé que seria editado em Portugal seria “O Vale das Cobras” de Jo, Zette et Jocko, em 1981. Posteriormente seriam publicadas as outras 4 aventuras destas personagens. Em 1985, já iremos ter acesso às aventuras de Quick et Flupke e de Jo, Zette et Jocko nas páginas da revista “O Correio Juvenil”, também editada pela Verbo. Só em 1988 apareceriam os álbuns de Tintin lançados por aquela editora. O primeiro seria “A Ilha Negra”, seguindo-se de “O Cepetro de Ottokar”. Depois, ao longo dos anos, seriam lançados todos os títulos das aventuras deste herói, incluindo algumas a preto e branco. Em paralelo a Verbo publicaria 12 pequenos álbuns com os episódios de Quick et Flupke também.

A partir de 19 de setembro de 2003 e até 27 de fevereiro do ano seguinte, numa parceria com o jornal “Público” e da Verbo, foram editadas as 24 aventuras da nossa personagem, a um ritmo semanal, igualmente com êxito. Presentemente a Asa/Leya publica de novo as aventuras de Tintin, desta vez em menor formato, tal como foram de novo publicadas originalmente.

Todos os álbuns de Tintin são e serão sempre um sucesso, já que muitas vezes além de serem lidos por novas gerações, voltarão a sê-lo de novo mais uma série de vezes não só pelos mais jovens como pelos adultos.

TINTIN NOS JORNAIS PORTUGUESES

Não será novidade para ninguém que muitas personagens célebres da Banda Desenhada tiveram os jornais a apoiá-los e a divulgá-los de uma forma mais ou menos intensa. Os norte-americanos sempre foram especialistas nesse campo e seriam nos seus jornais que apareceriam inicialmente muitas aventuras de heróis que acabariam por alcançar grandes sucessos. Com o Tintin não aconteceria isso, já que em Portugal as suas aventuras publicadas nos jornais iniciaram-se em tiras (o que provocaria muito impacto junto do público, pois as suas aventuras foram criadas em pranchas e é assim que deverão ser lidas). No entanto, seria o jornal “Diário de Notícias” a publicar essas mesmas tiras a partir de 8/12/1971 até 11/8/1975, tendo apresentado 10 histórias desde ‘O Mistério da Orelha Quebrada’ até ‘O Mistério das Latas de Conserva’, passando pelas aventuras de ‘A Estrela Misteriosa’, ‘A Ilha Negra’, ‘O Templo do Sol’ e outras. “O Comércio do Porto” também arriscaria em publicar de 24/2/1974 a 5/6/1975, mas desta vez em meias pranchas e pranchas, algum material, mas com muitas falhas na sua periodicidade. Mais tarde e de novo “O Diário de Notícias” publicou de 8/3/1981 a 30/5/1982 a história ‘Tintin na Lua’, igualmente em pranchas.

Finalmente o jornal “O Independente”, em 1995, publicaria duas séries de fascículos a cores e em pranchas as seguintes histórias de Tintin: ‘As Sete Bolas de Cristal’, ‘O Templo do Sol’, ‘O Segredo do Licorne’ e ‘O Tesouro de Rackham O Terrível’ na primeira série, e ‘No País do Ouro Negro’, ‘Rumo à Lua’ e ‘Explorando a Lua’ na segunda. Duas capas cartonadas para encadernar cada série foram oferecidas aos leitores do jornal.

TINTIN NO CINEMA E NA ANIMAÇÃO

Em 1959 foi realizada para a televisão uma série de filmes de animação, com a colaboração de Greg, adaptando sete álbuns com as aventuras de Tintin. Para o cinema foram realizados dois filmes, “O Mistério do Tosão de Ouro” e “O Mistério das Laranjas Azuis”, datados de 1960 e 1964, respectivamente, com o artista Jean-Pierre Talbot no papel principal. Em 1969 será executada em animação uma longa-metragem de ‘Le Temple du Soleil’ com a ajuda de Greg de novo e em 1972 será a vez de “Tintin et le Lac Aux Requins”, igualmente com a colaboração de Greg. Numa iniciativa de novo do “Público”, foram lançados por aquele jornal uma série de 21 DVDs com as aventuras da nossa personagem, referentes a 39 episódios de animação (25 minutos cada), que foram terminados em 1992.

AS AVENTURAS DE TINTIN EM PORTUGAL POR REVISTA

Títulos	Revistas	Nºs das Revistas e Datas	Títulos Originais
Tintin na América	“O Papagaio”	53 (16/4/36) ao 110 (20/5/37)	Tintin en Amérique
Aventuras de Tim-Tim no Oriente	“O Papagaio”	115 (24/6/37) a 161 (12/5/38)	Les Cigares du Pharaon
O Lótus Azul	“O Papagaio”	166 (16/6/38) ao 205 (16/3/39)	Le Lotus Bleu
Tintin em Angola	“O Papagaio”	209 (13/4/39) ao 244 (14/12/39)	Tintin au Congo
A Orelha Quebrada	“O Papagaio”	247 (4/1/40) ao 298 (26/12/40)	L’Oreille Cassée
A Ilha Negra	“O Papagaio”	301 (16/1/41) ao 359 (26/2/42)	L’Ile Noire
Tintin no Deserto	“O Papagaio”	366 (16/4/42) ao 426 (10/6/43)	Les Crabe aux Pincés d’Or
A Estrela Misteriosa	“O Papagaio”	435 (12/8/43) ao 540 (16/8/45)	L’Etoile Mystérieuse
O Segredo do Licorne	“O Papagaio”	617 (6/2/47) ao 679 (15/4/48)	Le Secret de La Licorne
O Ceptro de Ottokar	“Diabrete”	594 (9/3/49) ao 701 (18/3/50)	Le Sceptre d’Ottokar
O Tesouro do Cavaleiro Rosa	“Diabrete”	703 (25/3/50) ao 806 (21/3/51)	Le Trésor de Rackham le Rouge
As Sete Bolas de Cristal	“Diabrete”	809 (31/3/51) ao 887 (29/12/51)	Les Sept Boules de Cristal
O Templo do Sol	“Cavaleiro Andante”	1 (5/1/52) ao 26 (28/6/52)	Le Temple du Soleil
O Templo do Sol (cont.)	“Pajem”	27 (5/7/52) ao 86 (22/8/53)	Le Temple du Soleil
Tintin na Lua	“Cavaleiro Andante”	94 (17/10/53) ao 153 (4/12/54)	Objectif Lune
Caminhando na Lua	“Cavaleiro Andante”	154 (11/12/54) ao 209 (31/12/55)	On a Marché Sur La Lune
Tintin na América	“Cavaleiro Andante”	210 (7/1/56) ao 269 (23/2/57)	Tintin en Amérique
Tintin e o Caso da Arma Secreta	“Cavaleiro Andante”	270 (2/3/57) ao 331 (3/5/58)	L’Affaire Tournesol
O Lótus Azul	“Cavaleiro Andante”	340 (5/7/58) ao 401 (5/9/59)	Le Lotus Bleu
Mercadores de Ébano	“Cavaleiro Andante”	405 (3/10/59) ao 466 (3/12/60)	Coke en Stoke
Tintin no Tibet	“O Foguetão”	1 (4/5/61) ao 13 (27/7/61)	Tintin au Tibet
Tintin no Tibet (cont.)	“Cavaleiro Andante”	516 (18/11/61) ao 553 (4/8/62)	Tintin au Tibet
As Jóias da Prima Dona	“Zorro”	26 (6/4/63) ao 89 (20/6/64)	Les Bijoux de La Castafiore
Carvão no Porão	“Tintin”	(1º ano) 1 (1/6/68) ao 26 (23/11/68)	Coke en Stoke
Voo 714 Para Sidney	“Tintin”	(1º ano) 27 (30/11/68) ao 52 (24/5/69)	Vol 714 Pour Sidney
Tintin no Tibet	“Tintin”	(2º ano) 1 (31/5/69) ao 26 (22/11/69)	Tintin au Tibet
O Caso Tournesol	“Tintin”	(2º ano) 27 (29/11/69) ao 52 (23/5/70)	L’Affaire Tournesol
As Jóias da Castafiore	“Tintin”	(3º ano) 1 (30/5/70) ao 26 (21/11/70)	Les Bijoux de La Castafiore
Objectivo Lua	“Tintin”	(3º ano) 27 (28/11/70) ao 52 (22/5/71)	Objectif Lune
Tintin na Lua	“Tintin”	(4º ano) 1 (29/5/71) ao 31 (25/12/71)	On a Marché Sur La Lune
Tintin na América	“Tintin”	(4º ano) 32 (1/1/72) ao 10 (29/7/72)	Tintin en Amérique
Os Charutos do Faraó	“Tintin”	(5º ano) 11 (5/8/72) ao 41 (3/3/73)	Les Cigares du Pharaon
O Lótus Azul	“Tintin”	(5º ano) 42 (10/3/73) ao 20 (6/10/73)	Le Lotus Bleu
A Orelha Quebrada	“Tintin”	(6º ano) 21 (13/10/73) ao 51 (11/5/74)	L’Oreille Cassée
A Ilha Negra	“Tintin”	(6º ano) 52 (18/5/74) ao 30 (14/12/74)	L’Ile Noire
O Ceptro de Ottokar	“Tintin”	(7º ano) 31 (21/12/74) ao 9 (19/7/75)	Le Sceptre d’Ottokar
O Caranguejo das Tenazes de Ouro	“Tintin”	(8º ano) 10 (26/7/75) ao 40 (28/2/76)	Le Crabe aux Pincés d’Or
Tintin e os Pícaros	“Tintin”	(8º ano) 48 (17/4/76) ao 19 (25/9/76)	Tintin et Les Pícaros
Tintin e o Lago dos Tubarões	“Tintin”	(9º ano) 20 (2/10/76) ao 41 (26/2/77)	Tintin et le Lac aux Requins
A Estrela Misteriosa	“Tintin”	(9º ano) 42 (5/3/77) ao 19 (24/9/77)	L’Etoile Mystérieuse
O Segredo do Licorne	“Tintin”	(10º ano) 20 (1/10/77) ao 45 (25/3/78)	Le Secret de La Licorne
O Tesouro de Rackham, o Vermelho	“Tintin”	(10º ano) 46 (1/4/78) ao 24 (28/10/78)	Le Trésor de Rackham le Rouge
As Sete Bolas de Cristal	“Tintin”	(11º ano) 25 (4/11/78) ao 3 (2/6/79)	Le Sept Boules de Cristal
O Templo do Sol	“Tintin”	(12º ano) 4 (9/6/79) ao 37 (26/1/80)	Le Temple du Soleil
No País do Ouro Negro	“Tintin”	(12º ano) 45 (22/3/80) ao 28 (22/11/80)	Tintin au Pays de L’Or Noire
Tintin no Congo	“Tintin”	(13º ano) 35 (10/1/81) ao 13 (8/8/81)	Tintin au Congo
Extraordinárias aventuras de Totor	“Tintin”	(14º ano) 51 (1/5/82) ao 11 (24/7/82)	Totor, C.P. des Hanneçons
Tintin no País dos Sovietes (incompl.)	“Tintin”	(15º ano) 12 (31/7/82) ao 21 (2/10/82)	Tintin au Pays des Soviets

QUADROS EM SEQUÊNCIA?

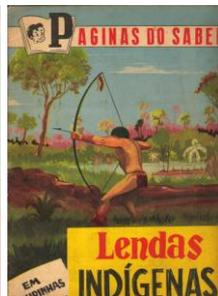
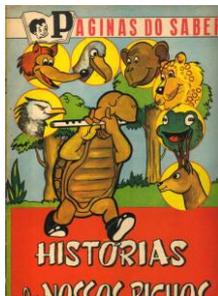
Edgard Guimarães

A questão colocada algumas páginas atrás é que existe uma situação em que uma História em Quadrinhos é apresentada ao leitor com os quadros totalmente fora de ordem, algo que à primeira vista pode parecer totalmente fora de propósito, já que um dos grandes trunfos da História em Quadrinhos é justamente a capacidade narrativa propiciada pelo correto sequenciamento das imagens que compõem a HQ. E qual é esta situação despropositada em que a HQ é apresentada, ao leitor, aos pedaços, os quadros isolados, fora de ordem?

É quando uma História em Quadrinhos é apresentada na forma de Álbum de Figurinhas. Ora, o leitor compra o álbum com todos os quadrinhos faltando, aí vai comprando os pacotinhos de figurinhas e estas estão espalhadas aleatoriamente pelos pacotinhos. Ou seja, o leitor vai obtendo os quadros que formam a HQ de modo totalmente fora de ordem. É impossível o leitor deixar de ver cada quadro, quando abre o pacotinho e quando cola a figurinha no álbum. Portanto, o leitor lê esta HQ da forma idiota mencionada anteriormente, ou seja, numa sequência diversa da pretendida pelo autor quando produziu a história.

De um modo geral, os álbuns de figurinhas trazem imagens praticamente independentes umas das outras. A leitura de cada figurinha isoladamente não traz problema nenhum. Mas há alguns álbuns que resolveram colocar na forma de figurinhas os quadros de uma História em Quadrinhos. A seguir serão mencionados alguns.

A editora Aquarela produziu a partir da década de 1950 cerca de três dezenas de álbuns com várias reedições até meados da década de 1970. A maioria deles, como “Desfile de Bandeiras” ou “Riquezas Brasileiras”, mantinha a forma tradicional de álbum, com as figurinhas trazendo imagens independentes.

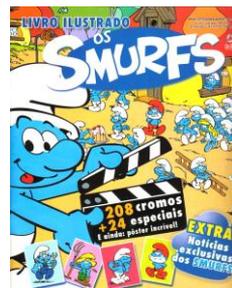


Mas alguns trouxeram histórias em quadrinhos, como “Histórias de Nossos Bichos” e “Lendas Indígenas”. Estes traziam em cada página uma HQ composta por 5 figurinhas com legendas. Um trabalho muito interessante. A impressão que tenho é que esses álbuns da editora Aquarela eram vendidos com todas as figurinhas anexadas, o leitor tinha que destacá-las e colá-las no álbum. Podia, portanto, ir colando cada figurinha na ordem da leitura correta das histórias, sem contrariar uma das características fundamentais da História em Quadrinhos.

A editora Ebal também produziu na década de 1960 e 1970 uma grande coleção de álbuns, a maioria da forma tradicional, mas alguns contando histórias em quadrinhos. Vou mencionar apenas um deles, o álbum de Tarzan, cujas figurinhas foram retiradas de várias HQs de Russ Manning feitas para os comic books da editora Dell. No caso da Ebal, também é minha impressão que os álbuns eram vendidos com todas as figurinhas em anexo.

Mas há vários exemplos de álbuns trazendo histórias em quadrinhos cujas figurinhas foram vendidas separadamente em pacotinhos nas bancas. Em 1994, a editora Record lançou o “Livro Ilustrado Mad” que, no meio de várias imagens isoladas, trouxe algumas tiras de Aragonés, Don Martin e Al Jaffe.

Maurício de Sousa aprontou duas. A primeira foi em 2005 pela editora Globo com “A Turma da Mônica – A Volta do Capitão Feio”, um álbum de HQ onde a maioria dos quadros era formada pelas figurinhas, mas com alguns quadrinhos já impressos no álbum. Olha só o texto na 4ª capa: “Você, que já é fã das Histórias em Quadrinhos com a turminha mais divertida do planeta, vai adorar completar este livro ilustrado. Enquanto você cola os cromos, uma aventura inédita e cheia de surpresas, contada e ilustrada pelo Maurício de Sousa, vai sendo revelada.” A segunda foi em 2007 pela editora Panini com “Turma da Mônica em Uma Aventura no Tempo”, uma adaptação do filme homônimo, usando imagens do próprio filme, o que deixou com menos cara de HQ do que o primeiro álbum.



O último exemplo de que tenho notícia é o álbum “Os Smurfs” da editora On Line. Além de figurinhas avulsas mostrando os personagens, trouxe em forma de figurinhas o álbum “Smurf Repórter”, recentemente publicado pela L&PM.

Como se viu, esse modo torto de apresentar uma HQ não é uma coisa rara.

28º ANGELO AGOSTINI E O DIA DO QUADRINHO NACIONAL

Edgard Guimarães

No dia 4 de fevereiro aconteceu o evento **DIA DO QUADRINHO NACIONAL**, com a entrega do **28º PRÊMIO ANGELO AGOSTINI**, realização da **Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas – AQC-ESP**. O evento foi realizado a partir das 14h no **Espaço Cultural Instituto Cervantes**, localizado na Avenida Paulista, 2439, em São Paulo.

Antes do início das atividades, a loja Comix Book Shop e os participantes do 4º Mundo colocaram seu material à venda na entrada do auditório do Espaço Cultural, aí permanecendo durante toda o evento.

Às 14h30, as atividades foram iniciadas com Márcio Baraldi apresentando seu vídeo “Ao Mestre com Carinho” dedicado à carreira de Rodolfo Zalla. Um trecho inicial do documentário foi mostrado à plateia. Rodolfo Zalla, presente no evento, pôde autografar tanto exemplares do vídeo como dos números 53 e 54 da revista “Calafrio”, vendida pela Comix.

Às 15h, iniciou um debate sobre um novo projeto de lei dedicado aos Quadrinhos Nacionais, que deverá ser submetido ao Congresso Nacional. A mesa foi composta por Jal, Márcio Baraldi, Spacca e Guilherme Kroll, com mediação de Jota Silvestre. Com opiniões a favor e contra a lei e com a participação da plateia, o debate ocupou mais de uma hora e meia.

Às 16h40, a cerimônia de entrega do Prêmio Angelo Agostini começa sob a direção de Franco de Rosa. Como de costume, antes da entrega dos troféus, várias pessoas são chamadas à frente para divulgarem seus projetos. Assim, Bira Dantas fala da HQ ao vivo que está sendo feita no hall do auditório e do blog da AQC-ESP. Worney fala do DVD homenageando Rodolfo Zalla. Franco fala da reedição do livro “A Técnica do Desenho”, de Jayme Cortez. Fernando Santos divulga o lançamento da revista “Picles”, produção da AQC. Marcos Venceslau apresenta novo número de “Piratas”. Will fala das atividades do 4º Mundo. Kendi Sakamoto divulga sua editora Laços e o blog Gibiraro. Eduardo Vetillo mostra seu novo lançamento, o álbum “A Saga de Canudos”. Vasqs fala de sua participação no livro “Ostras ao Vento”. E Worney fala um pouco sobre Angelo Agostini e a instituição do prêmio.

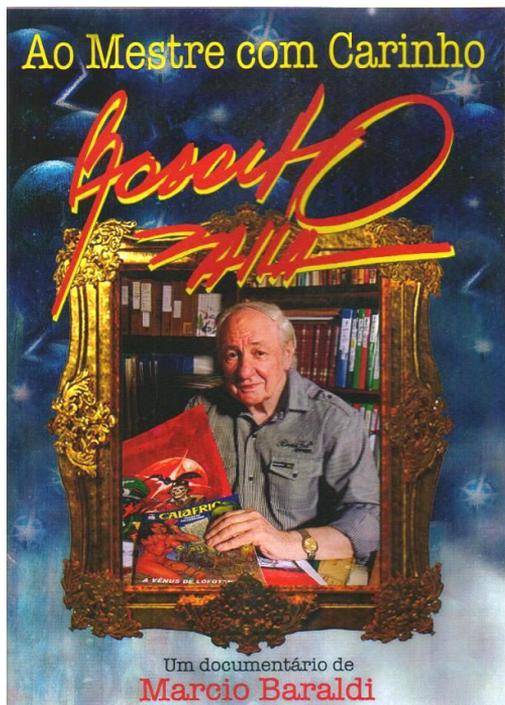
Começa a entrega dos troféus. Fernando Santos entrega o troféu de ‘Melhor Desenhista’ para Maurilio DNA, da revista “Ação Magazine”. Will entrega o troféu de ‘Melhor Roteirista’ para Daniel Esteves. O troféu de ‘Melhor Cartunista’ foi entregue a Gustavo Duarte por Jal. Márcio Baraldi entrega o troféu de ‘Melhor Lançamento’ para Alexandre Lancaster, editor da revista “Ação Magazine”. A categoria ‘Melhor Lançamento Independente’ foi vencida por “Love Hurts”, cujo editor Murilo recebeu o troféu de Bira Dantas. Edgard Guimarães entregou o troféu de ‘Melhor Fanzine’ para os editores de “Miséria”. O troféu Jayme Cortez, dedicado aos incentivadores do Quadrinho Nacional, foi entregue por Bira Dantas para Afonso de Andrade, representando os organizadores do FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos.

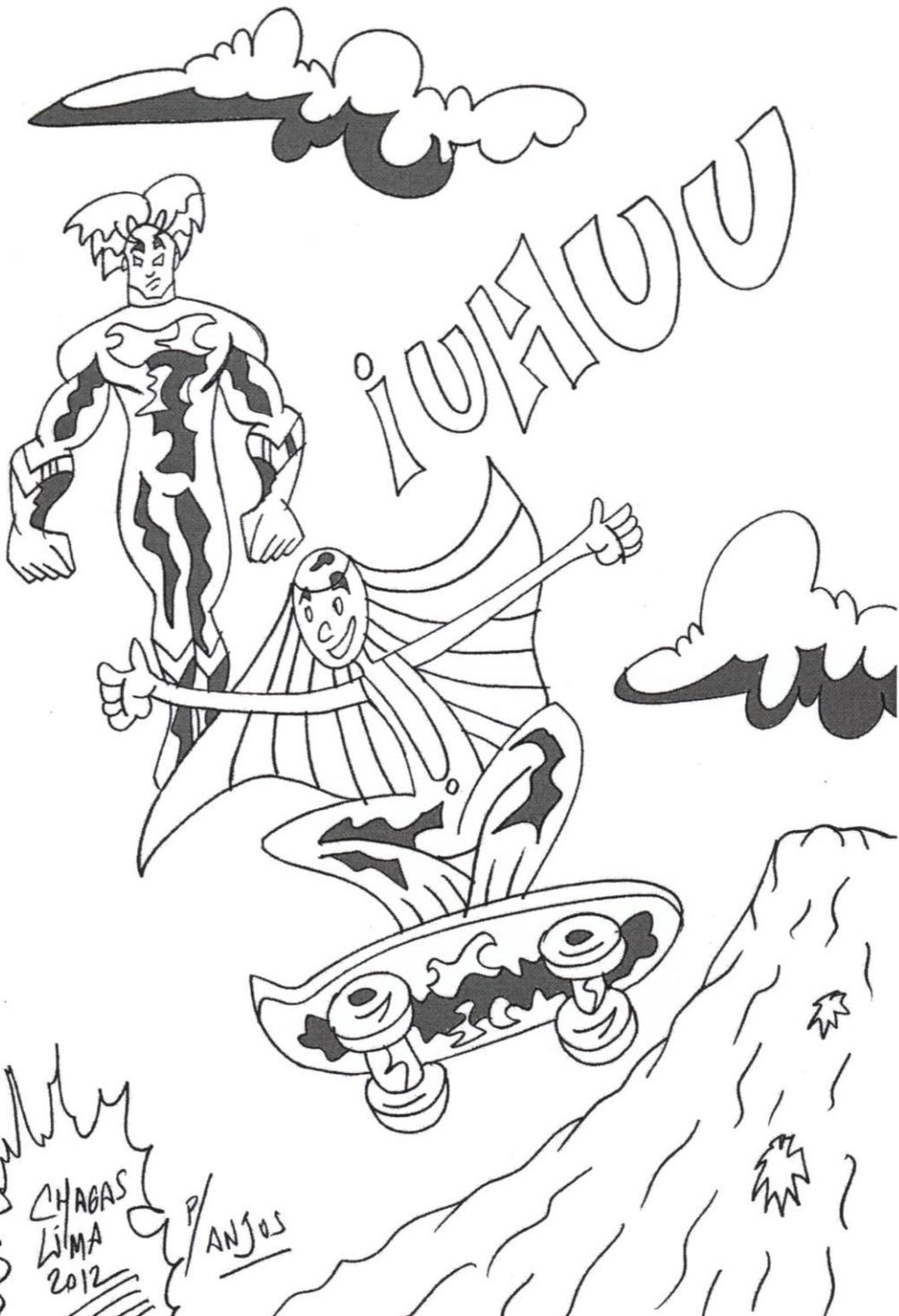
Os próximos premiados foram os Mestres do Quadrinho Nacional. Marcatti e Vetillo entregaram o prêmio a Bira Dantas; Spacca entregou o prêmio para Fernando Gonsales; Marcatti recebeu, em nome de Lourenço Mutarelli, que não compareceu, o prêmio de Jota Silvestre; Worney entregou o prêmio a Moacir Torres.

Para finalizar, Franco fez a entrega de um prêmio de Mestre especial para Rodolfo Zalla.

Após a entrega dos prêmios, os presentes permaneceram no local até por volta da 19h, conversando, trocando informações etc. Além dos mencionados, estiveram presentes, prestigiando o evento, Izomar, Osvaldo Talo, Rubens Cordeiro, Júlio Magalhães, Luigi Rocco, Antônio Armando Amaro, Paulo Anjos, Paulo Ramos, Nobu, Paulo Andraus, Denis Basílio, Mastrotti, Fábio Moon, Gabriel Bá, Edna Cortez (viúva de Jayme Cortez), André Diniz, Laudo, Primaggio, entre tantos outros.

Parabéns ao Worney e a todos da AQC pela realização, cabendo uma última menção à empresa Inarco, que tem cedido os troféus desde o início da premiação.





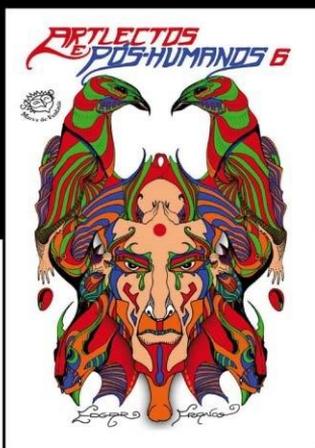
07 02 12

CHAGAS
LIMA
2012
P/ANJOS



Flávia
Andrade

HUMOR E FICÇÃO

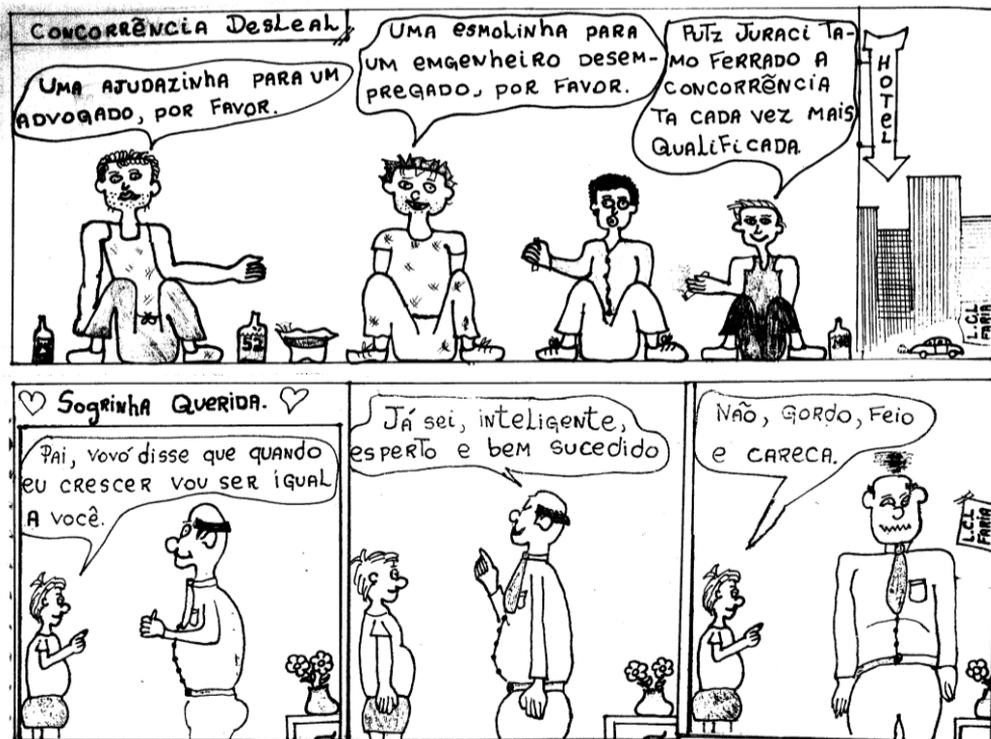


MARIA MAGAZINE
Henrique Magalhães
n. 3, 36p. 14x20cm. R\$6,00.
Coletânea de tiras de "Maria".
Inclui selecionados no concurso
GAG 2011.

ARTLECTOS E PÓS-HUMANOS
Edgar Franco
N. 6, 32p. 14x20cm. R\$6,00.
Histórias em quadrinhos poéticas
inspiradas no universo da "Aurora
Pós-Humana", criado pelo autor.



editora@marcadefantasia.com
www.marcadefantasia.com



Tiras de Luiz Cláudio Lopes Faria

do it myself APRESENTA

LANÇAMENTO MUNDIAL DO DOCUMENTÁRIO

FANZINEIROS DO SÉCULO PASSADO

Capítulo 2: O fanzine a serviço do rock, os fanzineiros deste século e os estímulos para a produção impressa.

Um pouco da história da produção impressa alternativa contada por fanzineiros de todos os cantos do Brasil!

No II UGRA ZINE FEST !

10/03
21h

CASA DO FAZER
Rua Humberto I, 201
próximo a estação
Ana Rosa do Metrô



Márcio Sno – Contato: marciosno@gmail.com

FÓRUM

ANDERSON CAMILO DA COSTA

Rua Três, 135 – B. Nova Esperança – Ipatinga – MG – 35162-750

Bem bacana a ideia dos heróis na capa (do “QI” 111) e as informações na página 3. Sugiro-lhe outras edições com ilustrações de personagens e comentários sobre os mesmos, todavia no esquema um por vez – assim, a cada edição haveria uma grata satisfação para sujeitos como eu, que muito pouco ainda sabem sobre o universo HQB. Sobre a matéria ‘O Escudo Manchado’ (no “QI” 110), quis compartilhá-la com os amigos e qual não foi a minha surpresa ao descobrir que muitos desses meus amigos detestam o Capitão América! HQs à parte, o Cabeça Alada é, na minha visão das coisas, a síntese da síntese do homem perfeito. Ele não é um alienígena caipira que tem poderes graças a nosso sol amarelo; ele também não é um milionário cheio de engenhocas e truques ou muito menos um industrial com uma armadura quase que indestrutível; nem tão pouco uma das vítimas de algum acidente; ou, pior ainda, um babaca divino entediado com seu patético reino eterno e cansado de rodear a terra e passear por ela. Não. O Sentinela da Liberdade é algo mais e é também a definitiva prova de que o herói surge de dentro para fora e não o contrário. E ele, o Capitão América, nos mostra que o maior herói de todos os tempos pode e deve ser um homem, um homem terrestre, consciente de si mesmo, mas, principalmente, de seus direitos e deveres.

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Jr., 66 – Guarani – Brusque – SC – 88350-685

Está fantástico o “QI” 113, com capa e contracapa de fazer os vídeos mais badalados da internet ficarem com inveja. A palestrante da contracapa parece a foto de minha tia. Mostrei pra ela e ela falou assim: “Vou cobrar direito autoral desse tal de Edgard Guimarães”. Depois, num canto, mais em particular, ela me disse bem próximo do ouvido: “Será que ele não viu alguma foto minha em algum lugar?”. E eu: “Tas doida tia? Ele mora lá em Brasópolis, MG, como é que ele ia ver foto tua?”. Aí ela se convenceu, já que não é famosa, nem tem fotos divulgadas por aí afora. Essa foi boa, rimos à beça.

Gostei muito de ‘Memória do Fanzine Brasileiro’ com o depoimento de Cláudio S. Dilli e com texto de Valdir Dâmaso. Gostaria de entrar em contato com Cláudio Dilli para saber se seria possível adquirir os números de “Quero-Quero” que me interessam. Todos, ou quase todos, imagino eu, do grupo de atores dos filmes de cowboys mais antigos têm destaque no “Quero-Quero”.

Como mencionei na contracapa do “QI” 113, aquele desenho não foi feito a partir de foto, mas sim copiando da própria pessoa enquanto palestrava, em 1986, para professores e alunos da Escola Técnica “Tancredo Neves”, em Brasópolis. Infelizmente não lembro o nome da professora palestrante.

Não tenho contato recente com o Cláudio Dilli, mas creio que seu endereço permaneça o mesmo: R. Santos Dumont, 613 – Pelotas – RS – 96020-380.

ARTHUR XAVIER FILHO

R. Espírito Santo, 232/02 – Porto Alegre – RS – 90010-370

Difícil manter uma revista independente (a “Billy The Kid”), todos sabem, de faroeste, hoje, mais difícil, pois só enxergam a ótima “Tex”... o que fazer?... Mas eu sempre sonhei em produzir revistas, hoje posso, de certa forma, fazer o que sonhava, em pequeníssima escala, claro. Mesmo mais veterano, sonho e faço... ainda gosto de rock, ainda brinco de atleta, ainda desenho...

ALEX SAMPAIO

P. São Braz, Conj. 02, Bl.D, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

É fascinante ver que existe um apogeu das edições independentes no mercado periódico brasileiro. Acredito que o amadurecimento desse mercado é o fator principal para a expansão e boa receptividade do público leitor. Entretanto, o que vem acontecendo é a formação de uma cultura “cult”, uma valorização de certas edições, que sem dúvida têm gerado uma disputa que muitas vezes não é saudável. É preciso união para que o eixo se mantenha sempre crescente. Muitos produtos só ganham o teor de “cult” quando assim rotulados, o que nem sempre revela mesmo uma qualidade textual ou de arte.

Os quadrinhos independentes nos permitem refletir sobre seu consumo não como falta de entendimento cultural, mas como uma exigência de mercado limitado por crises ou riscos de publicações. O risco, sempre, é a “natureza cult” que valoriza certos produtos, não por sua qualidade, mas pela pretensão de serem produtos para um núcleo de alta reflexão intelectual ou mesmo segregacionado do consumidor comum. O porém do mercado independente é que ele traz mais fracassos que sucessos. O artista desiste da arte por falta de espaço para seu produto. Ele cansa de buscar oportunidades.

Na verdade, não falamos de um mercado, nem mesmo de um mercado sem interferências. Se compreendermos as mudanças de reflexão feitas sobre a literatura na França do Antigo Regime, por exemplo, entre a produção de textos, sua dispersão e leitura, somando-se a isso a cultura, vamos perceber como a coisa é mais complexa. Roger Cartier é o marco na reflexão sobre Leitura e Representação, e é isso que teremos dentro de cada mercado separadamente, e como essa funcionalidade ora derrapa em erros ou tropeça em acertos. O mercado muda lentamente em alguns momentos e rápido em outros, como nos formatos, modelos e estilos. Aí o novo não vingará, porque o lucro imediato e sem riscos é a bola da vez.

ANTÔNIO LUIZ LOPES

R. Francisco Antunes, 436 – Guarulhos – SP – 07040-010

Continuo editando o “Versos Livres”, embora de periodicidade inconstante. E levei o meu zine para a internet, cuja linguagem ainda estou tentando dominar. – <http://fanzineversoslivres.blogspot.com>.

Descobri na internet um blog muito interessante, o Zinescópio. Editado por Jamer Mello, é um blog feito para disponibilizar a coleção de fanzines de papel de Jamer, em formato PDF. O autor promete colocar na rede centenas de fanzines ao longo de 2011. Por enquanto, 7 edições de 7 diferentes fanzines estão online, incluindo o pioneiro e raro “Punk” e o famoso “Judith Blair”. O Jamer tem a intenção de fazer do Zinescópio um intercâmbio de todos os editores de zines. O endereço é – <http://zinescopio.wordpress.com>.

Ele pretende fazer na Web o que o “QI” é para nós: o nosso ponto de encontro. O “QI” é o lugar onde podemos desabafar, trocar experiências, divulgar nosso trabalho, aprender, buscar informações. Achei bem interessante a coluna ‘Memória do Fanzine Brasileiro’.

CARLOS GONÇALVES

R. Tomás da Anunciação, 171, 3º Dto. – Lisboa- 1350-326 - Portugal

Recebi o “QI” que, como sempre, está impecável em artigos, impressões, atualidade e informação. As suas capas são sempre espetaculares e, embora possuam um vector cômico, não deixam de ser oportunas e críticas. Não nos podemos esquecer que acontecem diariamente centenas desses acidentes pelo mundo fora, por falta de atenção e até incuria dos pais ou encarregados de educação. Nunca é demais alertar para estas situações que muitas vezes o stress do dia a dia e a correria que é hoje o quotidiano das pessoas, levam-nas a descurar ou a prevenir o acidente.

Os livros “Pogo” e “Steve Canyon” estão excelentes. Pogo há muito merecia uma coleção assim. Quanto ao “Steve Canyon”, não há muito a dizer, pois é publicação da IDW e esta editora nunca decepciona. As tiras estão todas em seu formato integral. Não há tiras “rebaixadas” como nas edições da Kitchen ou da Checker. O colorido das sundays está perfeito. Não sei se ele foi “remasterizado” de velhas páginas dominicais ou se Caniff havia guardado em sua coleção, além das provas em preto e branco, as das cores também (como Foster fez com Prince Valiant). Só sei que o colorido está perfeito.

No final do volume 1 de “Captain Easy” há uma explicação sobre como as cores eram aplicadas (nas sundays americanas). Havia pelo menos uma empresa especializada nisso. Há algum tempo li algum texto de um dos especialistas em quadrinhos do Brasil dizendo que as cores eram aplicadas pelos técnicos das gráficas!!! Achei estranho na época, como isso seria feito?. A explicação coerente está toda lá em “Captain Easy”.

Eu acredito que as cores nas páginas dominicais sejam feitas de várias maneiras. Em ‘Prince Valiant’ com certeza Foster trabalhava pessoalmente nelas. E sei de outros que faziam o mesmo: Warren Tufts, Russ Manning, Leonard Starr etc. Muita coisa, no entanto, acredito eu, recebia colorido na gráfica do syndicate, com o desenhista pouco ou nada tendo a ver com o processo de cores. Lembro-me de dois ou três originais de tiras de ‘The Phantom’ (Sy Barry). Quando os originais eram enviados para a gráfica do syndicate, não havia a aplicação do benday (retícula), mas apenas uma tinta azul claro, indicando onde deveria ser colocado o benday.

Hoje a separação de cores de um original (colorido) para publicação é muito fácil. O simples fato de escanear já faz a separação das cores. Então um autor pode fazer um original todo a cores que não tem maiores problemas. Mas antes do escanear, se o original fosse feito a cores, a separação era um processo mais caro. O que se fazia era a fotografia do original 4 vezes, cada vez usando um filtro de cor diferente. Assim se produzia 4 fotolitos para a quatro cores (preto, ciano, magenta e amarelo). A produção de fotolito sempre foi um processo muito caro. Imagino que era mais barato para os syndicates fazer esta separação manualmente, já que era a solução mais usada. O autor fazia apenas a indicação das cores, pintando uma cópia do original. Ai alguma pessoa produzia as quatro matrizes usando retículas e uma tabela de cores. Ou seja, para cada cor indicada pelo autor, qual deveria ser a porcentagem de retícula em cada uma das quatro matrizes de cor. As gráficas dos jornais e editoras que publicavam as páginas recebiam as 4 matrizes de cores separadas. O trabalho de separação era feito por empresas terceirizadas pelos syndicates. Este processo não permitia o uso de degradês no colorido. Por isso, as páginas de Valente ou de Lance, onde os desenhos parecem pintura, certamente não foram feitas com separação manual de cores. O autor fez o original colorido e depois foram produzidos os 4 fotolitos através de maquinário próprio. Certamente alguns autores tinham cacife para usar o processo mais caro.

Gostei de sua explicação sobre a colocação das cores. Só vi uma prova de cores em minha vida: a de uma página dominical de Casey Ruggles. Já vi e já tive em mãos muitos e muitos originais, tanto de tiras como de sundays, mas as provas das cores, só mesmo uma. Sabia que muitas cores eram feitas nas gráficas dos syndicates. No entanto, muitos coloridos eram feitos pelos próprios desenhistas. Tempos atrás, conversando com William (Bill) Stout na Comicon de San Diego, ele me disse que assistia Manning nas cores das páginas dominicais e que fizera sozinho as cores de inúmeras páginas daquela graphic novel “Tarzan e o Poço do Tempo”. Como você certamente já observou, a qualidade das cores das páginas dominicais varia muito de um título para outro. Em algumas percebe-se o trabalho cuidadoso do desenhista, fazendo o colorido ou orientando quem o faz, enquanto que em outras o colorido é algo inexpressivo, sem vida, certamente trabalho mecânico de alguma gráfica terceirizada.

Sobre a questão das cores, o livro “Pogo” trouxe um belo texto de Mark Evanier. Entre muitas coisas que ele diz, comenta que às vezes o autor tinha um certo cuidado com as cores e mesmo quando a separação de cores era feita por algum técnico competente, depois a impressão na maioria dos jornais era feita em papel ruim e máquinas gráficas ruins. Ou seja, o que chegava ao leitor na maioria das vezes era bem inferior ao realizado pelo autor. Acontece que muitas das coleções que estão sendo lançadas atualmente estão retirando o material de jornais impressos. Ou seja, é preciso achar algum jornal de melhor qualidade que tenha publicado a série para que as páginas tenham um mínimo de fidelidade ao original.

Realmente, a reprodução de uma página dominical em cores, através de uma velha página impressa décadas atrás, está sujeita a “chuvas e trovoadas”. Os títulos mais famosos eram publicados nos grandes jornais, que tinham gráficas modernas (para a época) e boas. O problema estava nos jornais pequenos e interioranos, que certamente não conseguiam reproduzir as sundays num padrão desejado. Os títulos do King Features, do United Features, do Chicago Tribune geralmente eram publicados nos grandes jornais. Outros títulos de pequenos syndicates, como é o caso de Connie, cujas páginas dominicais eram muito bonitas e tinham um bom trabalho de cores, só estavam presentes em jornais menores. Muitos desses jornais pequenos já fecharam as portas, portanto seus arquivos podem estar perdidos e as dificuldades de se conseguir material antigo para servir de reprodução pode se tornar um problema.

FRANCISCO FILARDI

R. Carlos de Vasconcelos, 21/904 – Rio de Janeiro – RJ – 20521-050

Além do livro do Moya, há outras publicações que tratam especificamente sobre a História dos Quadrinhos? Encontrei também um livro do casal Iannone, “O Mundo das Histórias em Quadrinhos” e sei que a USP mantém um Núcleo de Comunicação e Artes neste segmento. Mas, pelo que tenho observado, pouco se publicou sobre a história em si e sua evolução. Se você tiver a mão uma lista de referência, por favor me repasse. Pretendo retomar uma pesquisa que iniciei há 11 anos, ao concluir um trabalho para o encerramento de um módulo na pós-graduação. Espero que o tempo disponível me auxilie nessa iniciativa.

Sobre a História dos Quadrinhos, talvez o principal livro publicado no Brasil seja “História em Quadrinhos e Comunicação de Massa”, publicado pelo MASP em 1970. É um livro que se encontra em sebos mas o preço é sempre salgado. Há em português, mas publicado em Portugal pela Distri, em 1991, o livro “Comics – Uma História Ilustrada da B.D.”. Capa dura, colorido, foi distribuído no Brasil. Sem versão para o português existe o “The Penguin Book of Comics”, de 1967. Todos esses livros trazem rica iconografia dos antepassados dos Quadrinhos. Também foi distribuída no Brasil a coleção espanhola “História de los Comics” em 48 fascículos, mas não é fácil de encontrar. A Salvat lançou no Brasil em 1979 uma coleção em que um dos volumes é dedicado aos Quadrinhos. Tem o título “Literatura da Imagem” e é encontrado com facilidade. Há ainda dezenas de livros norte-americanos, mas estes se concentram em sua própria produção a partir de Yellow Kid. Todos esses livros mencionados insistem em dizer que as manifestações anteriores aos quadrinhos norte-americanos do final do século XIX não são Histórias em Quadrinhos. Sempre contra a maré, eu insisto que a essência da linguagem dos Quadrinhos já está presente nas pinturas rupestres e estas são, apesar de limitações, verdadeiramente HQs. Embora focado mais na Linguagem, há também informações sobre a História dos Quadrinhos e boa iconografia em meu livro virtual lançado pela editora Marca de Fantasia: “Estudos sobre Histórias em Quadrinhos”. Custa apenas R\$ 5,00, lembrando que é um e-book. Muitos dos livros mencionados podem ser encontrados na Livraria Beni (SP) que vende seus livros no www.estantevirtual.com.br. O Victor, filho de Beni, pode enviar por e-mail um catálogo completo dos livros sobre Quadrinhos disponíveis. Os preços são bons, lembrando que há livros que são raros, portanto, mais caros.

Trechos de vários e-mails comentando sobre publicações de quadrinhos nos EUA e no Brasil.

Nos EUA, realmente as compilações de clássicos estão numa “idade do ouro”, pois hoje é viável ter edições de quadrinhos antigos, inclusive em cores, com centenas de páginas e boa reprodução, por preços na faixa de \$20-\$50, o que há uns 10 anos não era possível – e imagino que AGORA seja o momento de as adquirir, pois a maioria dos interessados as comprarão agora, portanto dificilmente haverá mercado para novas edições no futuro, exceto para algumas tiras que têm muitos aficionados. Note que, em algumas séries de republicações, os primeiros volumes já estão se esgotando, e nem sempre há perspectiva de uma reedição. O que isso significa, a meu ver, é que esta talvez seja uma “janela de oportunidade” para quem tiver interesse em ter edições, em papel, dos quadrinhos mais antigos (principalmente tiras de jornais, mas também de gibis), por preços bem em conta, SE você não tiver problema em tê-los no original, sem traduções, porque é bem possível que, no futuro, não haverá interesse (leia-se mercado) para justificar novas edições dessas obras, já que a maioria dos interessados (pois são bem poucos dos mais jovens que têm muito interesse nessas coisas) já terá sido atendida.

Já viu a edição de IDW com as pranchas dominicais de Flash Gordon e Jungle Jim, em cores? E as novas edições de Popeye, Príncipe Valente e Li'l Abner (Ferdinando) pela Fantagraphics? Sem falar na edição completa de Krazy Kat dominical, as completas de Wash Tubbs & Capt. Easy e de Terry & Piratas, mais uma de Steve Canyon em curso, as de Little Orphan Annie (Aninha a Órfã) e Dick Tracy em desenvolvimento, as dominicais e diárias de Buck Rogers e Fantasma? Estão até sendo iniciadas novas séries com as tiras mais antigas de Mickey, outras de Mandrake, Big Ben Bolt, Buz Sawyer e Johnny Hazard, e até uma coleção com o Reizinho está prevista... As coleções de Bringing Up Father (Pafúncio e Marocas) parece que não tiveram muita saída, então infelizmente talvez não tenham sequência. Quanto aos gibis, além das séries “Marvel Masterworks” (já no vol. 165) e “DC Archives”, saem coleções com todos os gibis antigos de Flash Gordon, Fantasma, Plastic Man (Homem de Borracha), Steve Canyon, e outros (saíu até uma coleção com Funnyman – Rigolô!) – e tudo a preços bem razoáveis. É ou não é uma “idade de ouro”?

Quando eu tinha dito que “nos EUA tem acontecido muita coisa, mas a maioria dessas coisas não me agrada ou interessa”, eu estava pensando mais nos comics da DC/Marvel/Image/Boom/etc. Claro que sempre existem coisas boas e interessantes, em geral nas editoras mais independentes (tipo Top Shelf). Aliás, aproveitei o “relançamento” do Universo DC para “desembarcar”: representou uma quebra clara e instantânea com o passado, então fica mais fácil se desligar sem muito trauma.

Realmente, esta é a oportunidade de conseguir os clássicos americanos e estou aproveitando tanto quanto possível. Tenho acompanhado Terry, Rip Kirby, Little Orphan Annie, Dick Tracy, Peanuts, Steve Canyon, Johnny Hazard, Captain Easy, enfim, quase tudo, e mais várias coleções da Gold Key, Dr. Specter, Mighty Samson etc. Não me interesse por quase nada da Marvel e DC, com poucas exceções, como o Quarto Mundo de Jack Kirby. Também não me interessei por volumes avulsos como o de Bringing Up Father, que selecionou apenas uma história e não pretendeu publicar a série toda (ou pelo menos uma fase significativa). Também não devo me interessar pelo Reizinho, por este motivo.

Pessoalmente, os gibis “não infantis” (entre aspas porque, na minha opinião, eles sempre foram, intencionalmente, apropriados para qualquer idade) da Dell/Gold Key nunca me agradaram, então não tenho nenhuma vontade de ter edições encadernadas deles... Nenhum de nós mencionou Tarzan – e parece-me que é um exemplo do esgotamento que mencionei: a edição da NBM parece que atendeu ao mercado de interessados em dominicais do personagem, pois faz anos que ninguém tentou outra edição: mas e as tiras diárias?

Entendo sua posição quanto a Bringing Up Father, mas menciono um princípio enunciado num grupo sobre um assunto semelhante: “Some Capt. Marvel is better than no Capt. Marvel”! Se

eu achasse que havia uma boa chance de ser publicada uma edição completa de Bringing Up Father ou Little King, eu esperaria; mas tudo parece indicar que não há, então prefiro agarrar estas que temos do que ter de procurá-las entre os livros antigos – e olhe que eu não tenho muito apreço pelo Reizinho, nunca tive; mas ele teve sua importância. Ah, e foram 2 edições de Bringing Up Father, uma da IDW, outra da NBM, parecia que ambas iam continuar, mas, ao contrário, nenhuma teve sequência.

Outra série que não mencionamos foi a da Luluzinha (Little Lulu & Tubby), publicada pela Dark Horse, que começou em p&b e depois passou a cores. Apesar da edição (bem) anterior pela Russ Cochran (no mesmo estilo das edições sobre EC e Carl Barks), achei que esta valia a pena (noto que faz algum tempo que não têm saído mais edições...); interessante que esta também está saindo no Brasil. Também não mencionei as de Peanuts (Minduim) e Dennis The Menace (Pimentinha), pois parecem estar fora dos interesses dos leitores nostálgicos por aqui – mas a de Peanuts também está saindo por aqui, pelo que vi, então há um certo interesse.

No “QI” 113 você escreveu: “...há uma grande quantidade de álbuns de brasileiros editados... o ponto negativo... é que boa parte das temáticas, esse olhar obsessivo para o próprio umbigo, é insuportável... mas a qualidade só pode emergir da quantidade...” Acho que, realmente, não tenho acompanhado isso bem. Pode me listar os principais desses “álbuns de brasileiros editados”? Ai talvez eu entenda sua referência sobre o “olhar obsessivo para o próprio umbigo”! Tenho dúvida de que “a qualidade SÓ pode emergir da quantidade”, mas não discordo de que a quantidade pode propiciar a qualidade...

Sobre a boa fase dos álbuns de autores brasileiros, o gênero principal tem sido o de adaptações de obras literárias, visando ao programa do governo federal para aquisição de livros para bibliotecas. Muita coisa é de péssima qualidade, mas também tem muita coisa boa. Gostei especialmente de “Os Serões”. Sobre os trabalhos deprimentes em que o autor se vira para si próprio e acha que sua vidinha tem algum interesse para o resto do mundo, vou citar dois livros de autores estrangeiros – “Retratos” e “Cicatrizes” – mas há vários autores brasileiros seguindo a tendência. O lançamento estrangeiro mais recente é “Wilson”. A impressão que tenho é que o autor perdeu toda a capacidade de criar uma história interessante, que o leitor leia e sinta que valeu o tempo gasto. Acho que o objetivo é o seguinte: vou falar de minha vidinha de merda porque assim não tenho obrigação de fazer uma obra boa. E o leitor deve pensar o seguinte: que bom ler este livro de um merdinha igual a mim! Mesmo o premiadíssimo “Asterios Polyp”, com um desenho muito instigante de Mazuchelli, tem vários momentos interessantes, mas a obra não tem espinha dorsal. Fica aquele monte de coisas soltas e com um final vergonhoso. Essa tendência de autores fazerem obras para seus amiguinhos lerem e se chamarem de gênios, a mim não engana.

Aí, a gente está entrando num dos pontos centrais de todas as artes desde o século passado.

LARI FRANCESCHETTO

R. João L. Carvalho, 98 – Veranópolis – RS – 95330-000

Faz eco por aqui (e Brasil afora) o que é fruto de sua garra, talento e doação à causa, “QI” 113, agradecendo-o pela generosidade, intercâmbio e nota sobre meu livro “Espelho das Águas” na seção ‘Literatura, Poesia e Música’. Parceiro de luta, torça por nós com sua corrente positiva, estou fazendo quimioterapia devido a um tumor na boca. Estou confiante, enfrentando o desafio em busca da recuperação de minha saúde.

Estamos todos confiantes no sucesso do tratamento, seu rápido restabelecimento e retomada do intercâmbio que mantém com publicações do mundo todo. Parabéns pela participação na revista peruana “Cometa de Papel”, com circulação em mais de 15 países de língua espanhola.

ALAEARTE GOLZENLEUCHTER

R. Silva Jardim, 568/62C – Piracicaba – SP – 13419-140

No seu texto intitulado ‘Quadrinhos?’, de certa forma você me ajudou. Como você deve saber, sou morador de Piracicaba, e como curioso dos assuntos regionais e também fã de quadrinhos, há tempos eu tencionava adquirir o volume “História de Piracicaba em Quadrinhos”, de Leandro Guerrini. Eu tomei conhecimento desse título por intermédio do sítio do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, num link onde constam algumas publicações referendadas por essa entidade. Sempre tive curiosidade de comprar esse volume de “quadrinhos”, mas uma certa preguiça impedia de me deslocar até o referido órgão cultural (na verdade já fui lá certa vez, mas a má vontade do pessoal fez com que eu desistisse de voltar). Agora que você “descobriu” e divulgou que o tal livro de quadrinhos na verdade é um engodo, eu te agradeço por salvar mais um curioso e possível enganado em função do gosto pelos quadrinhos! Bom, quem sabe eu ainda tome coragem e volte lá para adquirir alguma publicação de cunho cultural de Piracicaba! Agora, falando do “QI”, acho que já te disse que a coluna que mais aprecio é a ‘Mistérios do Coleccionismo’, uma excelente sacada sua. Só acho que a coluna de divulgação de fanzines poderia ser maior, com mais reproduções de capas.

ROBERTO HOLLANDA

R. Sousa Aguiar, 322, casa 5 – Rio de Janeiro – RJ – 20720-035

Muito obrigado pelas palavras sobre meus últimos lançamentos e pelo “QI” 111. Devo dizer que a revista parece mais, sei lá, “confortável”. Como se antes fosse uma “empresa de publicidade” e agora fosse um “pub”, onde você publica livremente, de forma mais solta, sem grandes patrulhas (não que houvesse censura, mas agora parece desprezioso). Transmite para mim que agora você se diverte mais do que antes.

ANTÔNIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – São Paulo – SP – 03734-130

Pois é, Edgard, é sempre um prazer te rever, pelo menos uma vez por ano, na entrega do Prêmio Angelo Agostini, e também rever outros mestres como Rodolfo Zalla, Rubens Cordeiro, Primaggio, o Paulo dos Anjos e o “maluco” genial do Márcio Baraldi (olhe, agora o cara é também cineasta). E que belo filme ele fez em homenagem ao mestre Rodolfo Zalla, parabéns, Baraldi, o mestre merece por tudo que fez pelo quadrinho brasileiro. Também conheci neste dia outro mestre dos quadrinhos que admiro muito, me refiro a Osvaldo Talo, que na era 1960/70 fez coisas lindas, como o Vigilante Rodoviário e centenas de páginas de quadrinhos de super-heróis, guerra e terror, gosto muito do trabalho dele. É muito simples, simpático e educado, ficou muito contente em saber que tenho muita coisa que ele desenhou para diversas editoras. Ele procurava a revista do Vigilante Rodoviário e do Fantastic, que ele desenhou há mais de 40 anos, e eu já mandei 3 revistas em xerox (o “Vigilante Rodoviário” n° 8, com capa de Jayme Cortez, e “Fantastic” n°s 1 e 2), e ele me telefonou muito agradecido.

Mais uma vez te agradeço por você ter publicado a pintura da mestra Alda Cabral, pena que os leitores não a vejam a cores e formato maior. Sabes o que vou mandar pra ela? O “Top Top” 26 – “A Odisseia de Edgard Guimarães” – para ela conhecer um pouco do que você fez e faz pelo quadrinho nacional. Agora vou falar do “QI” 113, gostei praticamente de tudo a começar pelos desenhos do Benjamin Peppe, principalmente do desenho do Rafael Pereira (lindo), ‘Mantendo Contato’ e o depoimento do Cláudio Dilli. E os teus trabalhos? Os teus leitores vão achar que só escrevo para puxar o teu saco, mas palavra de honra que não é isso, muitas vezes eu já te critiquei, mesmo sendo teu admirador. Fico feliz em conhecer os teus trabalhos do início da tua carreira, gostei demais de ‘Cuidado, Escola’ e ‘Do Fundo do Baú’. E o ‘Glauco, o Pirata’? Que pena que você não deu continuidade a esse personagem, é um tema que gosto muito. Nem vou comentar, vão dizer que é muito confete em cima de ti.

ANTONIO PEREIRA MELLO

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS – 97045-350

O ‘Mistérios do Coleccionismo’ faz-me lembrar do meu tempo de jovem, eu também colecionei e preferia gibis tipo alternativos ou de pequenas editoras. Eu colecionei as revistas “Escorpião”, “Superargo”, mas quando pararam de publicar, cometi o erro de me desfazer das coleções. Colecionei também as revistas “O Aba Larga”, publicada em Porto Alegre, e “Jerônimo” e “O Anjo” e também me desfiz de todas, hoje me arrependo muito disso!

VICTOR MAIA

R. Nicarágua, 108/201A – Sion – Belo Horizonte – MG – 30320-050

O último número ficou bacana, a matéria dos ‘Mistérios do Coleccionismo’ muito legal, só não deu para ler direito as páginas de Jules Feiffer. No mais, estou pensando em mandar um desenho que pensei mas não tive tempo ainda de fazer.

ABELARDO SOUZA

R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370

Após uma leitura dos “QI”s 111, 112 e 113, constatei que “Quadrinhos Independentes” não fica devendo NADA para as revistas que publicam assuntos sobre quadrinhos. Assuntos como ‘Heróis da Capa’, ‘Mistérios do Coleccionismo’, ‘Lançamentos’, ‘Fórum’, ‘Mantendo Contato’, ‘Memória do Fanzine Brasileiro’, ‘Edições Independentes’ e a inefável HQ – com diálogos que permitem um estudo mais profundo – em sua 156ª página. Haja fôlego.

Eu tenho os n°s 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11 e 12 da revista “Eureka”. Há de notar que o n° 8 não aparece. Posso um álbum denominado “Seleções Eureka” e ali constam encadernados os n°s 6, 8 e 9. Todos sem as devidas capas. Por esta razão procuro o n° 8 para que eu possa completar a minha coleção de edições avulsas. Era mania da Vecchi e da Artanova publicarem almanques e edições especiais com o encalhe. Verifiquei o meu n° 1 e ali constatei que os quadrinhos de Jules Feiffer, que constam no “QI” 112, são os mesmos do meu exemplar. Sem tirar nem por. Adorei a capa do 113 com o menino levando o choque e o pai atônito por sentir que a máquina não funciona. Bem bolada. Este é o tipo de perigo que as crianças sofrem. Acompanha esta um poema de um amigo meu, que é um grande seresteiro-poeta.

MENINO OUTRA VEZ (HERÓIS DOS QUADRINHOS)

Jorge Rocha

Quem não leu gibis um dia? / Confesso que sempre os lia
Nos meus tempos de menino.
O tempo passou, eu cresci; / Porém jamais esqueci
E fui seguindo o meu destino.
Quando um menino aprende a ler / E também a escrever
Tudo com muito carinho;
Sua primeira literatura, / São os heróis das aventuras
Das histórias em quadrinhos.
Então sonha na imaginação, / De ter poderes então
Como super-homem voar;
Ou Capitão Marvel gritar Shazam! / Ser forte como Tarzan,
Ser um cowboy a galopar;
O Batman que sobe a parede, / O Homem-Aranha que lança a rede
Para o bandido prender;
E para fazer tudo isso / É preciso pelo visto
O super-herói ter poder.
Foram dos quadrinhos para as telas, / Menino que coisa bela,
Eles agora têm movimentos!
E os adultos vão lá / Para poder recordar
Seu passado naquele momento.
Isso acontece comigo, / Também com você, amigo,
Ao lado de um filho pequenino.
Então, dentro de um cinema, / Nosso passado virou poema
E somos outra vez meninos.

Memória do Fanzine Brasileiro

Depoimento do Editor

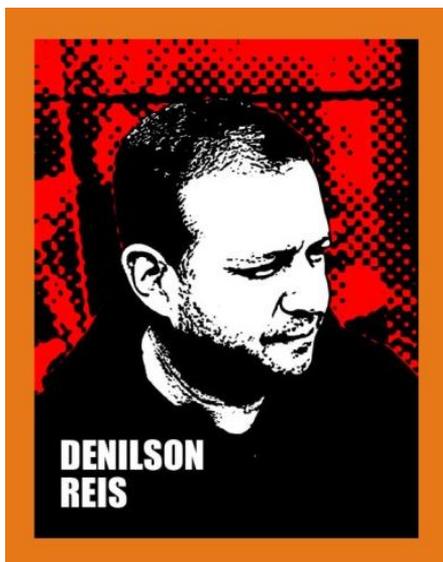
DENILSON ROSA DOS REIS

Denilson Rosa dos Reis nasceu em 16 de julho de 1968 e atua como Professor de História.

Parte do depoimento a seguir foi retirado do CD-Rom “Fanzine Tchê” volume 1.

Comecei a editar fanzines em dezembro de 1987, quando lancei o nº 1 do “Tchê”. De lá para cá editei uma série de fanzines, sendo que os principais são os que edito até hoje: “Tchê”, “Arquivo” e “O Muro”.

Em 1984, assisti ao filme “Conan, O Bárbaro” e fiquei maravilhado com o universo ali mostrado. Por intermédio de um amigo jornalista cheguei aos quadrinhos de Conan. Daí em diante me apaixonei por quadrinhos e virei colecionador. Em 1986 saiu uma carta minha numa revista de heróis da Abril – “Hulk”, se não me engano – e o Joacy Jamys pegou meu endereço e me escreveu falando de um grupo de leitores Marvel e do boletim editado por eles – mais tarde ficamos sabendo que se tratava de um fanzine. A partir disso fiquei motivado a editar o meu zine, mas não para falar de quadrinhos, e sim publicar os quadrinhos que recebi de amigos. Nasceu em 1987, o fanzine “Tchê”, com capa de Henry Jaepelt e a HQ principal desenhada pelo argentino Isaac Hunt.



Com o “Tchê” em mãos, comecei a distribuí-lo através do correio para endereços que o Jamys publicava no seu fanzine. O nome “Tchê” foi sendo divulgado de boca-a-boca, ou melhor, de carta-a-carta, e um ano depois recebia o Troféu Risco 1988 na categoria ‘Honra ao Fanzine’. A partir daí as cartas e colaborações chegavam mais frequentes.

Mergulhei em zines de outras temáticas, como a música, e me envolvi em outros projetos: fui fundador da GRAFAR e editor de um projeto arrojado para a época, final da década de 1980, o “Quadrante Sul”. Este prozine editado em parceria com Alex Doepre (zine “Antimatéria”) e Gervásio Santana de Freitas (zine “Estilo”) é considerado importante até hoje por buscar novas metas no período de crise da produção de fanzines no Brasil. O grupo lançou o primeiro número da revista em 1988 e mais dois números até 1989, contando com o apoio de outros fanzineiros e desenhistas como Daniel HDR, Jerônimo de Souza e Paulo Ricardo Montenegro. Em 2004, os três editores originais se reencontraram e as reuniões periódicas foram retomadas para preparar o retorno da “Quadrante Sul”.

Uma das minhas paixões sempre foi a música. Quando resolvi fazer um zine de quadrinhos, a ideia era ter uma coluna falando de música, mais especificamente o rock. Logo percebi que tinha contato com várias bandas underground e material para fazer um zine. Surgiu assim o “Tchê Especial Rock” 1. A capa trazia imagem do disco “Animals” do grupo de rock progressivo Pink Floyd. A partir daí resolvi mudar o nome para “Echoes”, em homenagem a esta banda que muito admiro e da qual possuo todos os discos e DVDs. O zine durou sete números, sempre com capa alusiva ao Floyd.

Tempos depois, voltei com outro zine de rock, o “Rouge”, que teve quatro números. Como sou torcedor do Internacional, queria que o zine se chamasse “vermelho”. Pensei em “red”, mas o inglês já estava batido. Optei por “vermelho” em francês, mas não contava que dois ou três anos depois surgiria aquele grupo homônimo de meninas patrocinadas pelo SBT. A saída foi cancelar o zine.

Mas a vontade de publicar um fanzine sobre música não morreu. Passei a falar de rock na coluna “On The Road” do zine “Tchê” e lancei um projeto ambicioso (e creio que inédito no país): um zine sobre blues, onde as ilustrações seriam produzidas por desenhistas de histórias em quadrinhos. Surgiu então o “Blueseria”.

Nos primeiros números do “Tchê”, costumava republicar algumas notícias sobre quadrinhos recortadas de jornais de Porto Alegre. Logo comecei a acumular este tipo de material. Ao mesmo tempo, percebi que estes recortes seriam uma boa fonte de pesquisa para leitores e colecionadores de quadrinhos e resolvi reuni-los em uma única publicação. Assim, em 1998 lancei o zine “Arquivo”.

Há alguns anos venho escrevendo artigos sobre política, economia, sociedade e cultura. Comecei a publicá-los em um jornal de Alvorada, “A Semana”. Atualmente são publicados no site “A Trincheira”, pelo qual sou um dos responsáveis. O minizine “A Tréplica”, em formato 1/4 de ofício tem a finalidade de levar para o papel os artigos que estão na internet.

O minizine “O Muro” com 8 páginas no formato 1/4 de ofício nada mais é que um informativo de minhas publicações. Mas também traz alguns textos e ilustrações enviadas pelos colaboradores. O nome é uma homenagem ao Pink Floyd, mas também faz referência a um mural de informações.

Apesar da falta de tempo, continuo publicando os zines. Sou casado e tenho dois filhos (Henrique e Fernanda), trabalho três turnos como professor e desenvolvo um trabalho na área de música, sendo guitarrista da “Fluxo Urbano”, banda de rock/blues formada em 1999.

A ideia de lançar uma compilação digitalizada dos primeiros vinte números do “Tchê” surgiu a partir da retomada das reuniões do Grupo Quadrante Sul, já com Gervásio responsável pelo Portal TexBR e Alex mexendo com novas tecnologias. Desde então veio ganhando corpo a ideia de levar o zine para a internet, mas como sou um dinossauro dos fanzines e não pretendo deixar de fazê-los em papel, a ideia do CD-Rom me pareceu muito boa.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Relação das edições produzidas por Denilson, a maioria no formato 1/2 ofício ou A5, impressão em xerografia, e boa parte delas ainda em publicação.

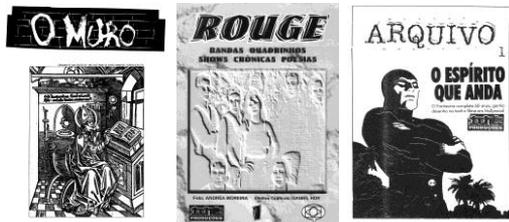
- “Tchê” (1/2. of.2, 20 pág.): 1 (dez/1987) a 39 (out/2011). HQs alternativas, publicou trabalhos de Shimamoto, Mozart Couto, Henry Jaepelt, Laudo Jr., Joacy Jamys, Edgar Franco, Daniel HDR etc.
- “Quadrante Sul” (1/2 of.2): 1 (1988) a 4 (2009). Co-edição com Alex Doepré e Gervásio Santana, teve três números publicados em 1988 e 1989 e foi retomado em 2009.
- “Tchê Recortes de Jornal” (of.2, 10 pág.): 1 (fev/1989) a 16 (fev/1997). Renomeado “Tchê Arquivo” a partir do n° 7. Publicação de reportagens veiculadas na grande imprensa gaúcha.



- “Tchê Portfólio” (1/2 of.2, 20 pág.): 1 (abr/1990) a 4 (1999).
- “Tchê Especial Rock”: 1 (set/1989).
- “Echoses”: 2 (fev/1991) a 7 (jan/1997). Novo nome de “Tchê Especial Rock”.



- “O Muro” (1/2 e 1/4 of.2, 4 e 8 pág.): 1 (jan/1995) a 20 (jan/2012). Divulgação dos lançamentos de Denilson.
- “Rouge” (1/2 of.2, 20 pág.): 1 (fev/1998) a 4 (inv/2001). Cultura geral alternativa, divulgação de bandas, shows etc.
- “Arquivo” (1/2 of.2, 20 pág.): 1 (jan/1998) a 39 (nov/2010). Nova série de “Tchê Arquivo” com o nome simplificado.



- “Tchê Plus” (1/2 of.2, 40 pág.): 1 (2000) e 2 (dez/2002).
- “A Tréplica” (1/4 of.2, 12 pág.): 1 (ver/2003) a 7 (2011).
- “Blueseria” (1/2 of.2, 20 pág.): 1 (inv/2004) a 6 (2011).



- “Fanzine do Grupo Quadrante Sul” (1/2 of.2, 8 pág.): 1 (2004) a 5 (abr/2011). Notícias sobre as reuniões periódicas do Grupo Quadrante Sul.
- “CD-Rom Fanzine Tchê” (nov/2008). Compilação dos primeiros 20 números do fanzine “Tchê” mais informações sobre outras publicações, entrevistas etc.
- “Caverna dos Gibis” (1/2 of.2): 1 (jul/2010) e 2.



- “Tela HQ” (1/2 of.2, 16 pág.): 1 (ago/2010).
- “Sonoridades Múltiplas” (1/2 of.2, 20 pág.): 1 (set/2010) e 2.
- “Essência Poética” (A6, 8 pág.): 4 números.



Outros fanzines de temáticas diversas.

- “Tchê Especial”. Várias edições avulsas, sem numeração, dedicadas ao Batman, Eliminador, ‘Guerras Temporais’, Legião Natal e Rubow no Espaço.
- “Mutações”: s/n° (nov/2006).
- “Oficina de Fanzines”: s/n° (out/2007).
- “A Trincheira”: 1 número.
- “Castro Rock”: 3 números.
- “Quarenta Anos sem Che”.
- “Seminário 1968 – 40 Anos”.
- “L’Atmosfera” – 3 números.

Denilson Rosa dos Reis mantém, no “Nosso Jornal” de Alvorada (RS), as colunas ‘Realidade Alternativa’ divulgando produções de quadrinhos e ‘A Trincheira’ com debates sobre História.

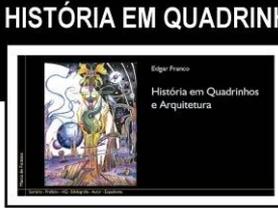
EDIÇÕES INDEPENDENTES



ARTELECTOS E PÓS-HUMANOS
Edgar Franco
N. 6. 32p. 14X20cm. R\$6,00.
Quadrinhos poéticos inspirados no universo da Autora Pós-Humana do autor.
www.marcaedefantasia.com



OS FRUSTRADOS
Claire Bretécher
64p. 14X20cm. R\$12,00.
O humor irreverente da mais renomada quadrinista francesa.
www.marcaedefantasia.com



HISTÓRIA EM QUADRINHOS E ARQUITETURA
Edgar Franco
90p. Ebook. Gratuito.
A forma como a Arquitetura se insere nos quadrinhos.
www.marcaedefantasia.com



MARIA MAGAZINE
Henrique Magalhães
N. 3. 36p. 14X20cm. R\$6,00.
Tiras humorísticas com a personagem "Maria". Inclui as tiras selecionadas no concurso GAG de 2011.
www.marcaedefantasia.com



O REBULIÇO APAIXONANTE DOS FANZINES
Henrique Magalhães
165p. Ebook. R\$5,00.
A trajetória dos fanzines no Brasil.
www.marcaedefantasia.com

QUADRINHOS

ARLEQUIM * n° 19 * ago/2010 * 24 pág. * A5 * R\$ 5,00 * **Roberto Hollanda** – R. Sousa Aguiar, 322, casa 5 – Rio de Janeiro – RJ - 20720-035.

ARQUIVO * n° 39 * nov/2010 * 20 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Denílson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

ARTELECTOS E PÓS-HUMANOS * n° 6 * mar/2012 * 32 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 6,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

O BOM & VELHO FAROESTE * n° 4 * jan/2012 * 48 pág. * A5 * capa color. * R\$ 7,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

BUROCRATIA * set/2011 * 20 pág. * A5 * capa color. * R\$ 6,00 * **Mario Cau** – R. Dr. Guilherme da Silva, 53/92 – Campinas – SP – 13015-028.

CABEÇA DE CUIA * ago/2011 * 100 pág. * A5 * capa color. * a/c **Bernardo Aurélio** – R. Dirce de Oliveira, 3047 – B. Ininga – Teresina – PI – 64048-550.

CARTILHA CARTUM Reforma Ortográfica * mar/2012 * 24 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * n° 68 * mar/2012 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 50,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CARTUM * n° 1 (2ª ed.) * mar/2012 * 28 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

10-ABAFO – ANO 1 (1978/1979) * CD-ROM * 2012 * capa color. * R\$ 25,00 * **Emir Ribeiro** – C.P. 3535 – João Pessoa – 58037-970.

FANZINE DO GRUPO QUADRANTE SUL * n° 5 * abr/2011 * 8 pág. * A5 * **Denílson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

FEIRA HQ * n° 3 * 2008 * 32 pág. * A5 * capa color. * **Bernardo Aurélio** – R. Dirce de Oliveira, 3047 – B. Ininga – Teresina – PI – 64048-550.

FOICES & FACÕES * 2009 * 204 pág. * A5 * capa color. * **Bernardo Aurélio** – R. Dirce de Oliveira, 3047 – B. Ininga – Teresina – PI – 64048-550.

OS FRUSTRADOS * 2012 * 68 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 12,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

ICFIRE * n° 85 * jan/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** – R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440.

ICFIRE * n° 86 * fev/2012 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** – R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440.

JANELA PODEROSA * n° 11 * 2012 * 8 pág. * A6 * **Ric Ramos** – R. Ierê, 921 – Cs.1 – Vicente de Carvalho – Rio de Janeiro – RJ – 21370-590.

JORNAL GRAPHIQ * n° 61 * fev/2012 * 16 pág. * 280x320mm * R\$ 4,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

LA BOUCHE DU MONDE * n° 12 * 2010 * 52 pág. * A4 * capa color. * **Eduardo Pinto Barbier** – 12, Rue Arago – Narbonne – 11100 – França.

MARIA MAGAZINE * n° 3 * fev/2012 * 36 pág. * 140x200mm * capa color. * R\$ 6,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

OMI * n° 88 * mar/2012 * 20 pág. * **Gerd Bonau** – Berliner Strabe 9 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

A PATRULHA DO ESPAÇO * jan/2012 * 32 pág. * 150x215mm * capa color. * R\$ 6,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

PROFECIA * n° 29 * jan/2012 * 28 pág. * A5 * **Jerry A. Souza** – jerry@pzo.com.br.

OS QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICOS DE EDGAR FRANCO * 2012 * 118 pág. * 140x200mm * capa color. * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

QUARENTENA * n° 3 * 2012 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,50 * **Fabiano Formaggio** – R. das Espatodeas, 48 – Jordanésia – Cajamar – SP – 07760-000.

SALOMÃO VENTURA * n° 2 * set/2011 * 24 pág. * 165x240mm * capa color. * R\$ 3,00 * **Giorgio Galli** – Av. John Kennedy, 150/211 – Centro – Araruama – RJ – 28970-000.

SUBTERRÂNEO * n° 46 * mar/2011 * A6 – folha A4 dobrada * **Marcos Venceslau** – Av. Assaré, 20 – V. Sabará – São Paulo – SP – 04446-060 – subterraneo.zine@gmail.com.

TARZAN – Russ Manning * *tiras* * n° 5 * 2012 * 50 pág. * 320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowksy, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN – Russ Manning * *tiras* * n° 6 * 2012 * 50 pág. * 320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowksy, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN – Russ Manning * *tiras* * n° 7 * 2012 * 50 pág. * 320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowksy, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN – Russ Manning * *tiras* * n° 8 * 2012 * 50 pág. * 320x215mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowksy, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TCHÊ * n° 39 * out/2011 * 40 pág. * A5 * R\$ 3,00 + 2 selos 1° porte * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

TORMENTA * n° 7 * fev/2012 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

WAR ZONE * n° 2 * mar/2012 * 16 pág. * A5 * R\$ 1,00 * **Ricelle Sullivan Suad** – 2ª Travessa da Rua Nova, 52 – Cambaó – São Luís – MA – 65020-401.

ZÉ GATÃO * 2011 * 58 pág. * A4 * capa color. * R\$ 19,00 * **Leonardo Santana** – Av. Gov. Carlos Cavalcanti, 3037/304 – B. Novo – Olinda – PE – 53130-530.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * n° 133 * fev/2012 * 26 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * n° 212 * fev/2012 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

FANZINEIROS DO SÉCULO PASSADO * doc. em DVD (2ª parte) * 2012 * **Márcio Sno** – marciosno@hotmail.com.

A LIGA DO DESTINO * 2011 * 350 pág. * A4 * capa color. * a/c **Bernardo Arelúio** – R. Dirce de Oliveira, 3047 – B. Ininga – Teresina – PI – 64048-550.

MENSAGEIRO * n° 202 * mar/2012 * 4 pág. * A5 * **Arthur Filho** – R. Espírito Santo, 232/02 – Porto Alegre – RS – 90010-370.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O BERRO * n° 22 * **W. Bastos** – C. P. 100050 – Niterói – RJ – 24200-971.

BOLETIM DA ANFB * n° 6/2012 – C.P. 500 – Ag. W3 – 508 Sul – Brasília – DF – 70359-970.

BOLETIM DE ANÚNCIOS * n° 7/2012 * **Armindo F. Gonçalves** – C. P. 29 – Ferraz de Vasconcelos – SP – 08530-970.

COTIPORÁ CULTURAL * n° 39 * **Adão Wons** – R. Marclício Dias, 253 – Térreo – Cotiporã – RS – 95335-000.

DESENHOS & FANZINES * **Alessandra Gomes de Melo** – Encosta, s/n (zona rural) – Aracoiaba – CE – 62750-000.

ESCRITORES * n° 203 * **Clube dos Escritores Piracicaba** – R. Jacob Diehl, 77 – Morumbi – Piracicaba – SP – 13420-410.

ESSÊNCIA POÉTICA * n° 4 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

O GARIMPO * n° 81 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

L'ATMOSFERE * n° 3 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

LISTA DE OFERTAS * n° 1/2012 * **Armindo F. Gonçalves** – C. P. 29 – Ferraz de Vasconcelos – SP – 08530-970.

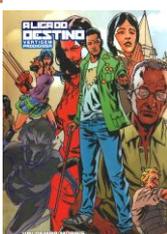
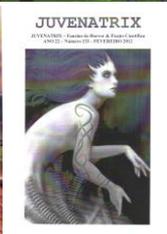
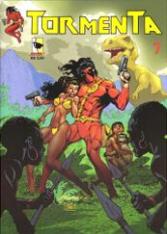
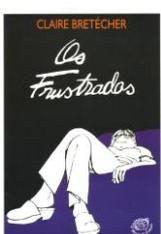
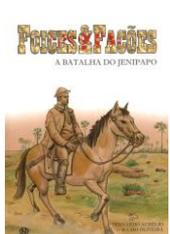
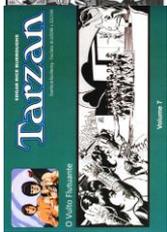
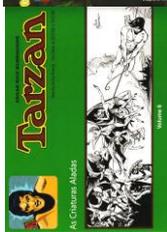
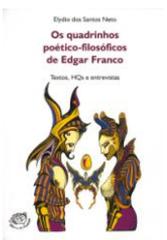
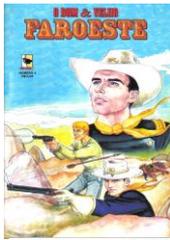
LITERARTE * n° 323 * **Arlindo Nóbrega** – R. Rego Barros, 316 – São Paulo – SP – 03460-000.

O MURO * n° 20 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

VIDA E PAZ * n° 152 * **Mauro Sousa** – C.P. 2030 – Santos – SP – 11060-970.

GALERIA DE CAPAS





PROJETOS DA AQC-ESP

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA

Informações retiradas do blog da AQC-ESP – Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas

DEFINIDO O TEMA DE “PICLES” 2

Saiu o tema de “Picles” 2. Apurada a enquete, foi escolhido APOCALIPSE 2012. Assim, a partir de agora, estão abertas as páginas da revista para caricaturas, charges, cartuns, tiras, quadrinhos (duas páginas), ilustrações e textos satirizando o grande tema do ano. Todos os trabalhos devem ser coloridos, tamanho na proporção 13,5x20,5 cm. Os autores devem enviar, junto com os trabalhos, uma biografia de um parágrafo, foto ou caricatura, endereço eletrônico para contato e endereço de blog ou página na internet. Envie seus trabalhos para: aqc.waz@gmail.com. A revista terá 48 páginas de miolo mais as 4 capas. Não há limite para o envio dos trabalhos, mas de acordo com o recebimento faremos uma seleção. Tentaremos negociar com uma editora para lançar a revista nas bancas, mas se isso não for possível, faremos pelo mesmo sistema do primeiro número: busca de patrocinadores e tiragem limitada. Se a revista for às bancas, o pagamento da publicação será dividido entre os autores, que receberão também uma parte da tiragem. Se a revista tiver tiragem limitada, os autores receberão 15 exemplares da publicação. Foi dada a largada! Envie seu trabalho antes que o mundo acabe!!!

100 VEZES AQC-ESP

Devido à qualidade artística, de produção e gráfica da “Picles” 1, além, é claro, da boa repercussão, concordamos com a editora Laços em produzir um livro com 100 páginas de quadrinhos com 100 autores diferentes.

Em formato livro (tamanho aproximado de 13x19 cm), em preto e branco, a publicação será um panorama da HQ nacional atual e, certamente, um grande painel de estilo, motivações, traços e histórias diferentes.

Os critérios são os seguintes: só serão aceitos trabalhos em preto e branco, uma página por autor e uma história de uma página. Pode-se enviar um conjunto de tiras desde que elas se fechem numa mesma história. Não haverá restrição de estilo, temas ou roteiros, assim como de vários autores por trabalho (roteiro, desenho e arte-final). Devem ser enviadas também um biografia de um parágrafo, uma caricatura ou foto do autor ou autores e endereço de blog ou página eletrônica e endereço eletrônico. Duas recomendações: não serão incluídos trabalhos com sexo explícito e em cores. O autor receberá um exemplar do livro pela participação.

Envie seus trabalhos para o nosso endereço eletrônico: aqc.waz@gmail.com.

OS 10 PRIMEIROS DA 100 VEZES AQC

Já recebemos 10 trabalhos para o livro “100 Vezes AQC”! Em apenas duas semanas, 11 autores (10 desenhistas e 1 roteirista) atenderam ao chamado da AQC-ESP e enviaram suas HQs de uma página. Todos são ótimos trabalhos!

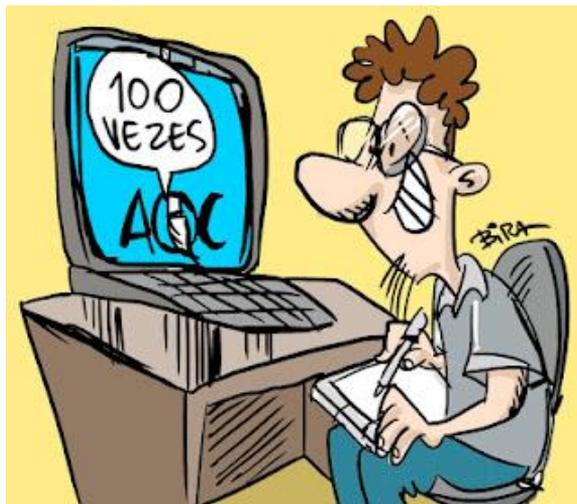
Nossos 11 autores são os seguintes: Marcelo Saravá, Leonardo Santana, Antonio Eder, Daniel Barraco, Jean Okada, Carlos Brandino, Floreal Andrade, Edu Mendes, Aldo Maes dos Anjos, Bira Dantas e Marcos Venceslau.

Não perca tempo! Faltam apenas 90 páginas para preencher!!!

ANÚNCIO

Worney está procurando as revistas abaixo. Em alguns casos, precisa de páginas para completar a edição, assim bastaria apenas um xerox.

Jonah Hex (Ebal/formatinho) 2 – **Guerreiros da Tempestade** 12 – **Almanaque Sexyman** (Noblet) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13 – **Akim** (Noblet/1ª série) 43 – **Telemo o Fantasmilha Tímido** (Bentivegna/Super Plá) 1, 2, 3 – **Jovem Sex** (Super Plá) 1, 4 – **Top Sexo** (Super Plá) 1, 3, 5 – **Sexo Total** (Super Plá) 1, 2, 3 – **O Praça Atrapalhado** 2 (capa e contracapa), 8 – **Dr. Estripa** 4 (capa e contracapa) – **Piadas e Anedotas do Bocage** (Saber) 1, 8, 13, 17, 22, 25 – **Piadas e Anedotas do Bocage** (Saber ou Super Plá 1976) 4 – **Piadas em Quadrinhos** (Super Plá) 6 – 10 mini-revistas **Gulliver/Guerras Secretas** (1986) com Homem-Aranha, Homem-Aranha Preto, Capitão América, Homem de Ferro, Wolverine, Demolidor, Dr. Destino, Magneto, Kang e Dr. Octopus – **Almanaque Disney** (Abril) 297.





À FUTURA PROFESSORA
Querida Normalista,
Tenha paciência comigo.
Tudo é tão difícil...
O mundo é tão grande
e eu sou tão pequeno...
Há tanta coisa que eu não entendo,
tanta coisa que me assusta...
Às vezes, quero parecer forte,
grito muito, brigo,
atrapalho os outros...
faço barulho demais,
porém, tenho muito medo
de que se esqueçam de mim.
Quero ser bom, ter afeição de todos,
mas nem sempre sei
como se consegue isso.
Em nessas ocasiões
que mais preciso do seu amor,
da sua segurança
e da sua tranquilidade.
Preciso ter certeza de que,
com seu amor,
ocupo um lugar importante
em nossa escola
e um lugar mais importante ainda
no seu coração.
Como não sei expressar bem
o que sinto,
às vezes, acabo fazendo tudo
exatamente ao contrário.
Lutando pelo seu carinho,
quantas vezes faço você
zangar-se comigo.
Procure compreender-me...
Eu sou uma criança...
Ajude-me a crescer em paz !
Ass. Crianças de 1º a 4º série.

Homenagem da Professora de Estrutura
da E.E. Major João Pereira - Itajubá.

Isa de Faria Guimarães

às alunas do 2º e 3º anos do curso de Magistério.

ETIARD

Desenho feito para ilustrar um texto dirigido às alunas de Magistério de uma escola onde minha mãe lecionou. O desenho foi feito em estêncil de mimeógrafo a álcool e foram tiradas cópias para cada aluna. Um detalhe é que as cópias eram "coloridas". Ou seja, usei papel carbono de várias cores para as várias partes do desenho - verde para a vegetação, vermelho para a escola, azul para o texto e as roupas e preto para as pessoas.



Do Fundo do Baú

QUEM É O NOSSO
VISITANTE ?



EU CONHEÇO ESTE CARA...



ESTE É UM DOS DONOS DA
CLÍNICA ONDE SUA IRMÃ
FEZ INSEMINAÇÃO
ARTIFICIAL.



CONTA LOGO TUDO, E
RÁPIDO, QUE EU ESTOU
SEM PACIÊNCIA...



PERDI A PACIÊNCIA.



NÃO FOI CULPA MINHA...
MEU SÓCIO É QUE
ARMOU TUDO...



ESTOU CURIOSO PARA
SABER O QUE É
ESSE TUDO.



ESTAVA TUDO PRONTO
PARA O PROCEDIMENTO
DE INSEMINAÇÃO,
QUANDO RECEBEMOS
UMA VISITA DO... DO...



DO TIO RICO.



NÃO FOI SÓ O DINHEIRO...
TIVEMOS MEDO DE DIZER
NÃO A ELE...



O QUÊ VOCÊS
FIZERAM ?



USAMOS NA INSEMINAÇÃO
O MATERIAL GENÉTICO
FORNECIDO POR ELE...



VOCÊ QUER DIZER QUE
SOMOS FILHOS DO
TIO RICO?



ELE QUIS QUE OS HERDEIROS
FOSSEM DESCENDENTES
DIRETOS...



MAS POR QUE A MÃE SER
A PRÓPRIA SOBRINHA?



EXISTE ESSA MENTALIDADE
DE MANTER RELAÇÃO
CONSANGUÍNEA PARA
PRESERVAR OS GENES E NÃO
DIVIDIR O PATRIMÔNIO.



NESTE CASO, COM UMA
VANTAGEM, SUA IRMÃ
JÁ HAVIA RENUNCIADO À
HERANÇA DE SEU PAI.



E POR QUE MANTER
TUDO EM SEGREDO?



PRIMEIRO, O CRIME DE
VIOLAR A GARANTIA DO
USO DE SÊMEN DE UM
DESCONHECIDO.



DEPOIS, MESMO SENDO
INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL,
HOUE INCESTO, E ISTO
É OUTRO CRIME.



A RESTRIÇÃO AO INCESTO
NÃO É PELO ATO SEXUAL
EM SI, MAS PELO RISCO
DE ANOMALIAS GENÉTICAS
NA DESCENDÊNCIA.



FAZ SENTIDO AGORA A
INSISTÊNCIA DE SEU TIO
EM ASSUMIR A GUARDA
DOS "SOBRINHOS".



POSSO ESPECULAR QUE
SUA IRMÃ DESCONFIAVA OU
MESMO SABIA DE ALGUMA
COISA? TALVEZ ATÉ
PREPARASSE ALGUMA
AÇÃO CONTRA SEU TIO...



ISTO "EXPLICA" ELA TER
DEIXADO A GUARDA DOS
MENINOS PARA MIM, E
TER SIDO MORTA PELO
MEU TIO, CERTO?



ESPECULAÇÕES À PARTE, MEU
TIO NUNCA TEVE INTERESSE
ROMÂNTICO, NUNCA PENSEI
QUE FIZESSE QUESTÃO DE
TER DESCENDÊNCIA...



O INSTINTO DE
PRESERVAÇÃO DA ESPÉCIE
É MUITO FORTE.



TODOS OS SERES VIVOS QUE EXISTEM HOJE DESCENDEM DAS PRIMEIRAS FORMAS DE VIDA SURTIDAS HA' CERCA DE QUATRO BILHÕES DE ANOS.



CADA SER VIVO PERTENCE A UMA LONGA CADEIA DE SERES QUE SOBREVIVEU TODO ESSE TEMPO, EVOLUINDO DE ESPÉCIE EM ESPÉCIE, TRANSMITINDO SUA HERANÇA GENÉTICA...



UMA PESSOA QUE NÃO DEIXA DESCENDÊNCIA ESTÁ FAZENDO EXTINGUIR UMA LINHAGEM DE QUATRO BILHÕES DE ANOS...



INTERESSANTE, MAS NOSSO VISITANTE FICOU MEIO ESQUECIDO, A HISTÓRIA AINDA NÃO ACABOU. CONTINUE.



O PROCEDIMENTO NORMAL NA INSEMINAÇÃO É IMPLANTAR CERCA DE CINCO ÓVULOS FECUNDADOS PARA AUMENTAR AS CHANCES DE ALGUM SE DESENVOLVER...



HAVIA APENAS DOIS FECUNDADOS COM O MATERIAL DE SEU TIO, ENTÃO FORAM IMPLANTADOS OUTROS TRÊS COM SÊMEN DE DOADORES ANÔNIMOS...



TODOS OS CINCO SE DESENVOLVERAM... SEU TIO FICOU FURIOSO QUANDO SOUBE...



AGORA, SIM, EU VISLUMBRO UM ASSASSINO EM TODA SUA PLENITUDE.



POR QUE EU TENHO TRÊS SOBRINHOS?

